



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE HISTÓRIA**

**COZER, GUARDAR E SERVIR: A CULTURA MATERIAL DO
COTIDIANO NO SÍTIO PRÉ-COLONIAL RS T 101 – MARQUES DE
SOUZA/RS**

Patrícia Schneider

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão II, como exigência parcial para a obtenção de Título de Licenciada em História.

Orientadora: Neli Teresinha Galarce Machado.

Lajeado, junho de 2008

AGRADECIMENTOS

A minha família, meus pais Valberto e Loiva e minha irmã Paula, pela compreensão nestes longos sete anos de faculdade, por entenderem e apoiarem minhas escolhas.

Aos amigos pelas conversas em mesa de bar, festas, eventos, congressos, filmes. Pelos momentos inesquecíveis que sempre serão muito mais do que apenas histórias que tenho para contar. Por terem ajudado a transformar a minha visão sobre o mundo.

A todos os colegas, sem exceção, que passaram pelo Setor de Arqueologia, pelas conversas arqueológicas e filosóficas, pelo aprendizado, pela ajuda, pela amizade e pelos momentos descontraídos que fizeram nossa história juntos. Em especial a Jones Fiegenbaum, pelas discussões arqueológicas, pela serenidade com que encara tudo que acontece, pela paixão pela vida que tem sido um grande aprendizado, por ter estado sempre junto em toda esta caminhada, pelo apoio e companheirismo em todos os momentos e sentidos...

A minha primeira e inesquecível orientadora, Dra. Neli T. G. Machado, por ter me inserido no mundo da pesquisa, me apresentado à arqueologia. Pela amizade, atenção, dedicação, ensinamentos, experiência de vida e exemplo de perseverança. Meu muito obrigada, por ter apostado e acreditado em mim.

A todos os professores que tive durante a graduação no Curso de História, por repartirem seu conhecimento e terem mostrado que o mundo é muito maior do que pensava.

Aos alunos que tive nestes sete anos, que ensinaram na prática a árdua tarefa de “professorar”.

A todas as equipes de arqueologia com quem tive a oportunidade e experiência de escavar.

A atividade de pesquisar que me proporcionou vivências maravilhosas.

A Univates e Fapergs pelo incentivo através das Bolsas de Iniciação Científica.

Aos seres humanos sem os quais a história não seria possível e a Arqueologia por registrar um tempo grandioso.



*'A história fez-se, sem dúvida com documentos escritos.
Quando há.*

*Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos,
se não existirem.*

*Faz-se com tudo que a engenhosidade do historiador permite utilizar
para fabricar o seu mel,
quando faltam flores habituais:
com palavras, sinais, paisagens, telhas;
com flores do campo e com más ervas;
com eclipses da lua e arreios;
com peritagens de pedras feitas por geólogos
e análises de espadas de metal,
feitas por químicos.*

*Em suma, com tudo o que sendo próprio do homem,
dele depende, lhe serve, exprime,
torna significativa a sua presença,
atividade, gostos e maneiras de ser'.*

*"[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita.
Tudo o que o homem diz ou escreve,
tudo o que fabrica, tudo o que toca
pode e deve informar-nos sobre ele.
(Febvre e Bloch apud Felix, 1999, p.89)*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal, caracterizar as vasilhas cerâmicas da coleção do Sítio RS T 101/Marques de Souza/RS. A análise será feita através do estudo da bibliografia referente a cultura material cerâmica arqueológica pré-colonial, principalmente o que concerne sobre conceituação, importância dentro do grupo que a produziu e metodologia de análise deste material, tendo como estudo de caso o sítio arqueológico supra citado. Através da metodologia analisada pretende-se inferir sobre a cultura material cerâmica, caracterizando-a quanto aos tipos de fragmentos, tratamento de superfície, número e tipo de vasilhas. Com a análise realizada concluiu-se que a coleção cerâmica do Sítio RS T 101, enquadra-se na Tradição arqueológica Tupiguarani, subtradição corrugada, predominante na região sul do Brasil. A reconstituição a partir das bordas identificou 72 vasilhas diferentes que se enquadram principalmente nas classes 2b e 1a, principalmente utilizadas para servir, cozer e comer alimentos e nas pequenas para beber. Com as análises realizadas e os resultados alcançados espera-se contribuir na compreensão do cotidiano destes grupos, transformando os “cacos” em objetos concretos enquadrando assim o Sítio RS T 101 no complexo processo de expansão dos grupos tupiguarani pelo território nacional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A CULTURA MATERIAL: CERÂMICA.....	14
3 AS ABORDAGENS TEÓRICOS METODOLÓGICAS SOBRE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA.....	19
4 O SÍTIO RS T 101 – MARQUES DE SOUZA/RS LOCALIZAÇÃO E INTERVENÇÕES REALIZADAS.....	31
4.1 Sítio RS T 101 - Marques de Souza/RS.....	34
4.2 Os grupos horticultores ceramistas que ocuparam o sítio RS T 101.....	38
5 A CARACTERIZAÇÃO DA COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PRÉ-COLONIAL RS T 101, MARQUES DE SOUZA/RS.....	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Formas de contorno das vasilhas cerâmicas.....	26
FIGURA 02 - Formas comuns das vasilhas cerâmicas da Tradição Tecnológica Tupiguarani.....	27
FIGURA 03 - Formas comuns das vasilhas cerâmicas da Tradição Tecnológica Tupiguarani.....	28
FIGURA 04 - Formas comuns das vasilhas cerâmicas da Tradição Tecnológica Tupiguarani.....	29
FIGURA 05 - Localização da região do Vale do Taquari/RS.....	32
FIGURA 06 - Área da planície de inundação onde se encontra o Sítio RS T 101.....	35
FIGURA 07 - Localização do Sítio RS T 101 e morfologia da área.....	36
FIGURA 08 - Atividade de registro no Sítio RS T 101, medição da área.....	37
FIGURA 09 - Croqui do escalonamento com identificação da lente de solo antropogênico – sem escala.....	39
FIGURA 10 - Exemplo de vasilha da classe 1a do Sítio RS T 101.....	46
FIGURA 11 - Exemplo de vasilha da classe 2a do Sítio RS T 101.....	47
FIGURA 12 - Exemplo de vasilha da classe 2b.2 do Sítio RS T 101.....	49
FIGURA 13 - Exemplo de vasilha da classe 2b.2 do Sítio RS T 101.....	50
FIGURA 14 - Exemplo de vasilha da classe 3b.2 do Sítio RS T 101.....	50
FIGURA 15 – Imagem de borda com pintura em vermelho sob fundo branco.....	51
FIGURA 16 - Exemplo de vasilha da classe 1b do Sítio RS T 101.....	52
FIGURA 17 - Exemplo de vasilha da classe 2b do Sítio RS T 101.....	55
FIGURA 18 - Exemplo de vasilha da classe 2b do Sítio RS T 101.....	57
FIGURA 19 - Exemplo de vasilha da classe 2b do Sítio RS T 101.....	59
FIGURA 20 - Exemplo de vasilha da classe 2b.2 do Sítio RS T 101.....	60

FIGURA 21 – Quantificação e caracterização das classes de vasilhas.....	61
FIGURA 22 – Quantificação e caracterização das classes de vasilhas.....	62
FIGURA 23 - Imagem de fundos/bases da coleção cerâmica do Sítio RS T 101.....	63
FIGURA 24 – Imagem de sobras;roletes da coleção cerâmica do Sítio RS T 101...	63



LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 01 - Tratamentos de Superfície identificados nos fragmentos de borda.....	44
---	----

1 INTRODUÇÃO

A arqueologia por muito tempo teve um conceito fossilizado que a definia como sendo capaz de, através dos objetos produzidos por ações humanas e somente por eles, entender a vida humana pretérita. Os objetos e/ou artefatos, são o foco de estudo da arqueologia e os locais onde se encontram as evidências da ocupação humana pré-colonial são chamados de sítios arqueológicos.

No entanto e positivamente esta conceituação mudou e o meio onde este indivíduo pretérito viveu, agiu e interagiu com animais, plantas e outros grupos passou a ganhar espaço e ser relacionado aos objetos produzidos. Com esta alteração a complexidade da análise dos objetos aumentou e o processo de escavação, modo pelo qual o arqueólogo os evidencia, precisou paralelamente se tornar mais criterioso (Funari, 2003).

No Brasil, as pesquisas em arqueologia analisam diferentes sítios arqueológicos e conseqüentemente diversos grupos humanos são relacionados a estas evidências. Cada grupo irá produzir conforme o meio em que habita, objetos diferentes para suprir e desempenhar as ações cotidianas.

Neste sentido, não se pode padronizar os objetos de análise da arqueologia, mesmo porque o arqueólogo só terá acesso as evidências que se conservaram após longa passagem do tempo. As evidências podem ser as que permanecem de certa forma intactas ou mesmo aquelas que deixam vestígios de sua composição identificados em laboratório através de análises químicas.

Pode-se então considerar como documento da arqueologia os materiais líticos, objetos feitos de pedra, de variadas matérias-primas; a cerâmica, feita através da transformação da argila; os vestígios arqueofaunísticos, ossos, conchas, usados tanto para alimentação quanto para produção de diversos artefatos; a área de habitação, objetos de madeira, palha, peles de animais, arte rupestre etc.

O presente trabalho terá a cerâmica pré-colonial, mais especificamente as vasilhas feitas com esta matéria-prima, como objeto de estudo selecionado para caracterização do conjunto de artefatos produzidos pelas oleiras dos grupos humanos que ocuparam o Sítio Arqueológico RS T 101, localizado no município de Marques de Souza, Rio Grande do Sul. Este sítio está inserido geograficamente na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari/Antas e politicamente na região denominada Vale do Taquari (BDR¹, 2008).

O estudo da coleção cerâmica pré-colonial limitar-se-á a primeira etapa de análise de laboratório que consiste na caracterização, quantificação do material, verificação dos diferentes vasilhames. Esta análise continua sendo básica e necessária para as pesquisas com a cultura material, pois é a partir destes dados que o arqueólogo conhece a coleção de que dispõe e um dos pontos de partida para outras interpretações do Sítio Arqueológico.

Neste trabalho se abordará também questões quanto ao grupo humano que produziu as evidências cerâmicas encontradas e o local de ocupação, sítio arqueológico RS T 101, o primeiro sítio pré-colonial de horticultores identificado no Vale do Taquari/RS.

A pesquisa arqueológica² pré-colonial desenvolvida na região da bacia hidrográfica do Rio Taquari/Antas, desde 2000, identificou a ocupação por grupos horticultores ceramistas, os quais habitavam e percorriam o território, antecedendo

¹BDR - Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES. Disponível em www.univates.br. Acesso em 06 jan. 2008.

²Projeto de Pesquisa: Análises e perspectivas geoambientais da arqueologia e seus reflexos na cultura humana do Vale do Taquari/RS, coordenado pela Arqueóloga Dra. Neli. T. G. Machado com apoio do Centro Universitário Univates e Fapergs. Um histórico das pesquisas arqueológicas no Vale do Taquari pode ser encontrado em Fiegenbaum, 2006.

em dez séculos a chegada dos primeiros colonizadores e imigrantes europeus. Sendo assim a presença de evidências cerâmicas, foco desse estudo, pontua e comprova a ocupação do território e auxilia na criação de hipóteses sobre o cotidiano e a distribuição espacial dessas ocupações.

Neste trabalho serão utilizados os dados - artigos, imagens, tabelas - produzidos pela equipe do Setor de Arqueologia da Univates, localizado junto ao Museu de Ciências Naturais, nestes oito anos de pesquisas na região do Vale do Taquari/RS.

A Arqueologia da Paisagem (Franch, 1998) e o Modelo Locacional (Morais, 1999) são as bases norteadoras para o estudo da ocupação pretérita na região do Vale do Taquari. Através destas metodologias, ao se verificar o fator geo é possível identificar os locais com maior potencial para o encontro dos sítios arqueológicos. Esta análise utilizada em um sítio arqueológico, visa obter e compreender, segundo Hodder (1984), as seguintes informações:

- Comportamento do homem no território;
- Relação entre tecnologia e os recursos naturais que estão no entorno do assentamento;
- Relação entre função e localização do sítio;
- Informações intra-sítios.

É preciso entender o comportamento e as necessidades do homem, verificar em que medida determinada área supre certas exigências. Nesta relação, áreas que se enquadram em necessidades mínimas como: água, matéria-prima para cerâmica, para os artefatos líticos, alimentos para coleta, caça e pesca, local para horticultura e boa localização de defesa, poderão possivelmente identificar a localização e o tempo de permanência em um sítio, que pode então ser enquadrado como aldeias ou acampamentos.

A presente monografia foi estruturada da seguinte forma: por primeiro será apresentada a cerâmica arqueológica, sua importância e conceituação, depois as

metodologias de análise para esta cultura material, em seguida o Sítio RS T 101 de onde provém a coleção em foco, bem como o grupo que a produziu e por fim será caracterizada a coleção cerâmica, com ênfase nas bordas para identificação do conjunto de vasilhas.



2 A CULTURA MATERIAL: CERÂMICA

Em circunstâncias semelhantes, o desenvolvimento do homem processa-se de modo semelhante, assim dizia a teoria por muito propagada. Influenciada por ela, supõe-se que a descoberta do cozimento da argila para transformá-la em cerâmica teria ocorrido entre vários povos e em lugares e tempos diferentes. É claro que não se pode deixar de lado a hipótese de uma invenção independente; porém é consenso que a rápida e larga difusão da cerâmica realizou-se, em consequência da expansão territorial e do intercâmbio cultural de inúmeros grupos étnicos. Sabe-se também que o homem, já em tempo pré-cerâmico, conhecia a utilização de terras argilosas e deste modo pode-se aceitar a hipótese de que o endurecimento de argila em contato com o fogo, talvez causado por uma ocorrência acidental, conduziu à descoberta da cerâmica (Scheuer, 1982).

Com a difusão desta nova descoberta e o aprimoramento nas técnicas de produção, como o acordelado, identificado não só em vários pontos da América pré-histórica, mas também em todos os continentes pode-se definir então a cerâmica pré-colonial, como objetos feitos de argila, que é selecionada e trabalhada para aquisição da plasticidade adequada à produção de vasilhas, adornos e outros objetos de cerâmica, sendo posteriormente queimados (Scheuer, 1982; La Salvia e Brochado, 1989).

A plasticidade da argila se dá pela adição intencional ou não de antiplástico, que irá alterar a composição da argila. Após a argila estar preparada, o objeto desejado ter sido produzido e recebido tratamento de superfície interno e externo, também chamado de decoração, este passará pelo processo de secagem (alguns

tratamentos de superfície são realizados após a etapa de secagem) e queima, que transformará argila em cerâmica (La Salvia e Brochado, 1989).

A argila para produção das vasilhas, conforme Silva (2002), era coletada em lugar específico imbuído de muito misticismo; porém, a qualidade da fonte influenciava como fator determinante. A distância da fonte de argila do local de habitação variava, podendo estar a poucos metros ou a alguns quilômetros, mas o ritual envolvido e o perigo de “contaminação” exigia um cuidado especial com este local.

A argila para produção dos artefatos de cerâmica é preparada para este fim. Na sua composição original, pode apresentar elementos que após a queima ganham destaque diferenciando-se do resto do artefato, como grânulos de óxido de ferro, o qual seria o antiplástico natural. Já a adição de caco de cerâmica moído, algum vegetal ou outro elemento que não faça parte da composição natural será o antiplástico inserido pela ação humana; deste modo cabe ao arqueólogo identificar a intencionalidade ou não do antiplástico (La Salvia e Brochado, 1989; Rogge, 1996).

A utilização de antiplástico é um elemento largamente difundido pois Scheuer (1982) identificou em seu trabalho na região sudeste que as ceramistas populares usavam, assim como as indígenas: saibro queimado e moído, areia fina, cinza (catipé), cacos cerâmicos moídos e terras argilosas magras.

O estudo da queima dos artefatos de cerâmica possui um papel importante no modo de produção das mesmas. A queima acontece de várias maneiras, sendo possível inclusive verificar se foi controlado ou não. Os fornos são feitos em buracos na terra, os artefatos alojados dentro, cobertos de vegetação na qual é ateadado fogo. O forno recebe uma cobertura, espécie de tenda sobre o buraco, a queima então é realizada na superfície numa espécie de fogueira. Os diferentes tipos de forno interferirão no tipo de queima que pode ser oxidante completa ou não (La Salvia e Brochado, 1989; Silva, 2002).

Por muito tempo a cerâmica pré-colonial foi considerada a evidência de

comprovação da ocupação humana pré-histórica e mais importante, suprimindo outras evidências como lítico e vestígios arqueofaunísticos. A cerâmica é associada, por muitos pesquisadores, a vida sedentária, a domesticação de animais, ao cultivo de plantas, ao abandono do exclusivismo da caça e coleta (Scheuer, 1982, p.17).

Assim aos produtos de argila coube com certeza, durante milênios, um papel fundamental na vida das sociedades humanas (Scheuer, 1982).

Uma comprovação de sua permanência é a continuidade na utilização de elementos estilísticos, em especial na decoração, pois até mesmo o europeu, imigrado para o Brasil inicialmente utilizou-se dos recipientes cerâmicos existentes e a produção e o fornecimento dos mesmos permaneceu, por longo tempo, em mãos das ceramistas nativas. Posteriormente houve a continuidade no emprego de numerosos ornamentos plásticos, próprios da cultura cerâmica indígena, pelos imigrantes tais como: corrugado, escovado, inciso, cortes, entalhes e impressões ungulares e digitadas (Scheuer, 1982).

Outro fator para sua importância dentro das pesquisas acadêmicas é a grande quantidade de fragmentos em relação as outras evidências, devido a sua qualidade duradoura, fazendo com que representem dois terços dos vestígios arqueológicos encontrados nas áreas habitacionais e sepulturas (Scheuer, 1982).

O ambiente onde a cultura material cerâmica é encontrada se constitui em fator determinante para sua preservação e conseqüente importância, pois “nos trópicos úmidos, devido a problemas de conservação, os arqueólogos somente dispõem da cerâmica para tentar reconstruir a alimentação dos grupos indígenas que viveram no passado” (Brochado, 1977, p.9).

O predomínio dos fragmentos de vasilhas de cerâmica nos contextos arqueológicos das aldeias de cultivadores da floresta tropical fazem com que se obtenha quase todas as informações sobre a alimentação, a partir da cerâmica, já que resta somente esta como única evidência – e mesmo assim indireta ou secundária (Brochado, 1977, p.21).

No entanto, com o passar dos anos e o avanço nas pesquisas, cada vez mais se tem relacionado todos os elementos que compõe um sítio arqueológico - líticos, vestígios arqueofaunísticos, cerâmica e etc - mostrando a importância de todo conjunto da cultura material, documentos de um passado ágrafo, relacionados ao seu contexto pós-deposicional, que é como o arqueólogo os encontra.

A maneira como o arqueólogo encontra as evidências do passado consiste na dispersão pós-deposicional no território, que é analisada para o entendimento dos objetos e como são encontrados e qual o papel do homem e da natureza neste processo; bem como já referido, permite a visualização da relação entre as diferentes culturas materiais e seu contexto (Hodder, 1984; Butzer, 1989).

O arqueólogo ao encontrar os vestígios da ocupação pretérita deve estar interessado não só na descrição de restos materiais, mas principalmente na reconstituição da vida passada nas aldeias; é preciso fazer os “cacos falar” clara e intensamente. A análise da distribuição dos vasilhames no espaço pode trazer informações quanto ao tamanho das aldeias, a disposição, a forma e a organização interna das casas; a morfologia, a decoração e o antiplástico podem diferenciar grupos culturais; já o tamanho e a quantidade dos vasilhames ajudam a criar hipóteses quanto a base da subsistência de seus fabricantes sugerindo uma economia baseada na horticultura ou caça e coleta (Brochado, 1977, p.9).

Porém, não se pode ignorar que a análise destes objetos tem seus limites e não será capaz de reconstituir o contexto cultural em sua totalidade, mas poderá sim, trazer muitos esclarecimentos quanto ao modo de vida das oleiras que os produziram e do grupo ao qual pertenciam.

A cerâmica corresponde ao reflexo do comportamento social do grupo que as produziu, sendo, inclusive, uma delimitadora funcional na medida em que informa quanto ao local de coleta da argila, local de fabricação, preparação de alimentos e levanta questões de gênero, pois são as mulheres que as produzem. Produção e utilização do vasilhame ligam-se diretamente as atividades alimentares,

necessidade básica de sobrevivência, envolvendo e entrelaçando os indivíduos do grupo em seu convívio social. Em um universo mitológico, a cerâmica demanda uma forte carga representativa, pois os cerimoniais e rituais que fortalecem a unidade mítica entre os indivíduos são mesclados por artefatos específicos de cerâmica.

Como fonte de estudo para os arqueólogos, a cerâmica é de vital importância, primeiro por ser um dos principais sinalizadores de sítios arqueológicos pré-coloniais, depois porque permite a análise e a compreensão da dinâmica social e cultural dos grupos antigos no território por eles ocupado.

3 AS ABORDAGENS TEÓRICOS METODOLÓGICAS SOBRE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

As pesquisas com a cultura material pré-colonial, visaram sempre a quantificação e distribuição espacial do material, descrevendo cada peça encontrada com minúcia, influenciada pela Arqueologia Processual (Binford, 1983), onde o objeto e suas particularidades eram o centro das atenções e o resultado almejado traria uma seqüência cronológica que mostrasse os períodos de ocupação e as transformações tecnológicas através das quais se identificavam as tradições arqueológicas (Rogge, 1996).

Com o advento da Arqueologia Pós-Processual (Hodder, 1984) relacionar os objetos foco de estudo, as demais evidências encontradas em um mesmo contexto arqueológico, a paisagem onde os fragmentos foram encontrados e pensar o grupo humano que os produziu e transformou, entram em cena. Foi um grande passo para a arqueologia, pois não se pode esquecer que todos os objetos considerados como cultura material e o meio onde estes grupos viveram e transformaram são resultado de ações humanas.

Em arqueologia, a principal metodologia utilizada para análise dos fragmentos de cerâmica é a quantificação e caracterização. Para realização das análises, considera-se o tipo de fragmento, o tratamento de superfície e o modo de produção. Os estudos são realizados através de tabelas tecno-tipológicas³ e informações sobre dispersão espacial para que se consiga entender a dinâmica cultural e territorial dos grupos pré-coloniais. Nesse sentido, as evidências em contexto tornam-se de vital

³Tabelas através das quais visa-se quantificar os elementos e/ou características semelhantes da cultura material.

importância para o entendimento do sítio arqueológico.

Para análise dos fragmentos de cerâmica pré-colonial do Sítio Arqueológico RS T 101, município de Marques de Souza/RS, a metodologia utilizada primará pela caracterização dos fragmentos, quantificação do material e verificação dos diferentes tipos de vasilhas. Para este fim serão usadas as referidas tabelas tecno-tipológicas, uma para os fragmentos considerados paredes e outra duas para os fragmentos de borda.

Para caracterização decorativa, dos tipos e das formas das vasilhas⁴ será considerada a nomenclatura conforme os trabalhos utilizados, para análise da coleção que apresentam e tratam sobre coleções cerâmicas e principalmente coleções de grupos Tupiguarani, a saber, Chymz (1966, 1969), Brochado (1977), La Salvia e Brochado (1989), Meggers e Evans (1970), Rye, (1981), Schmitz (1990, 1991), Scmitz, Rogge e Arnt (2000), Rogge (1996, 2004), Soares (1997, 2005), Machado (1999), Klamt (2005), Moraes (2007).

O material cerâmico é classificado identificando-se as semelhanças e quantificando-as, porém é sempre dada a devida importância ao que de excepcional possa aparecer.

A análise tecno-tipológica separa os fragmentos quanto ao tipo que podem ser *bordas*, *paredes* e *fundos/bases*, conforme a parte do vasilhame a que pertenciam quando esta encontrava-se inteira.

Borda é todo fragmento que representa a parte superior da vasilha (boca ou abertura do vaso) sendo facilmente distinguível por seu tratamento diferenciado, bem alisado no lábio.

Parede, todo fragmento que faz parte do corpo do vasilhame e apresenta suas extremidades normalmente quebradas, deixando visível o antiplástico e os negativos dos roletes do modo de produção.

⁴Vasilhas: Termo que abrange todas as peças de recipientes de cerâmica. (Chmyz, 1966, p.21)

Fundo/base é a parte inferior, de sustentação da vasilha, podendo apresentar formas planas, côncavas, plana-côncavas, arredondadas, anelar, quadrada, cônica, em pedestal ou trípoda ou polípoda conforme o grupo que as produz.

Alguns fragmentos apresentam a junção destes três tipos, representando o contorno completo da vasilha.

Conjuntamente, enquanto os fragmentos são classificados nestes três tipos acima referenciados, os materiais são separados conforme o Tratamento de Superfície que apresentam. Será usado e considerado o termo Tratamento de Superfície como a caracterização do processo de acabamento da superfície dos fragmentos, tanto externa quanto internamente, não levando-se em consideração se este tratamento é decorrente do processo produtivo ou intencionalmente aplicado com o fim de decoração, por considerá-los de difícil distinção. Cabe ressaltar que predominantemente a parte interna é alisada e em alguns casos pintada.

Dentro da classificação por tratamento de superfície os fragmentos podem ser separados em:

Corrugado, feito através da pressão do dedo com ação lateral sobre a superfície cerâmica, pressionando uma parte da argila, por arraste, e formando uma crista de forma semi-lunar como resultado do acúmulo da argila arrastada. Aparece somente na face externa, associado a face interna lisa e raras vezes pintada.

Ungulado, tem como expressão decorativa a unguilação feita através da incisão das unhas sobre a superfície cerâmica, a ação da unha é frontal na forma de um arco, com sentido e formato de quem aplica. Aparece na face externa e a parte interna é alisada.

Alisado, consiste no processo de nivelção da superfície, tanto interna quanto externa das peças cerâmicas, podendo variar em grau, como superfícies bem alisadas, regulares e irregulares. O nivelamento é feito com auxílio de uma pedra

(*brunidor*), madeira ou a própria mão de quem produz. Este objeto é friccionado na parte interna ou externa da vasilha, deixando a superfície lisa. Ainda, o tratamento pode ser elaborado através do banho da vasilha em uma argila mais plástica do que a utilizada na sua produção (tratamento de engobo). O tratamento de superfície liso pode receber pintura na face interna e externa.

Escovado, produzido através da ação de um instrumento de múltiplas pontas arrastadas na superfície cerâmica ou sobre ela friccionada.

Roletado, quando os cordéis de argila utilizados na produção das vasilhas ficam a mostra, não apresentando outra atividade produtiva sobre o mesmo. Aparece na face externa, com interior alisado e raramente pintado.

Pintado, o tratamento de superfície liso, pode receber pintura tanto na parte interna quanto externa. A pintura é efetuada com elementos orgânicos e minerais e os tipos de pintura podem ser fundo branco com desenhos geométricos em vermelho e/ou preto, aparecendo também fundo vermelho. A vasilha pode ter ambas as faces totalmente cobertas por pintura, porém a maior parte das vasilhas possui pintura externa em sua parte superior que vai do bojo⁵ até a boca da vasilha. Em alguns casos aparece pintura interna em fragmentos com outro tratamento externo, que não o liso. Esta ação poder ser executada antes ou depois da queima.

Junção de tratamentos, consiste na presença de mais de um tipo de tratamento de superfície na mesma peça.

O *modo de produção* é também fator importante na classificação do material, pois auxilia inclusive na identificação do grupo que produziu a cultura material, pois demonstra todas as ações realizadas para a fabricação de uma vasilha cerâmica.

O modo de produção pode enquadrar-se em, *acordelado*, *moldado* e *modelado*:

⁵Bojo: Parte de maior diâmetro externo do vaso. (Chmyz, 1966, p.10)

O *acordelado* é a principal forma de produção das vasilhas confeccionadas por grupos da Tradição Tecnológica Tupiguarani. Em sua definição, é a produção de cordéis de argila de comprimentos variáveis que são sobrepostos, em sentido circular, dando assim forma a vasilha.

Outro modo de fabricação das vasilhas, porém em menor escala, é o *moldado*. Em linhas gerais, é a aplicação de uma porção de argila dentro de um molde que emprestará sua forma ao objeto produzido.

Encontra-se ainda a técnica do *modelado* na confecção de vasilhas, cuja definição é a utilização de uma porção de argila modelada a mão livre com os dedos para dar forma a vasilha pretendida.

Outros elementos classificatórios constantes da tabela tecnotipológica são: *grau de conservação* da peça, pois o estudo dos fragmentos cerâmicos dedica-se também a entender os processos ocorridos após o abandono do assentamento.

Na cerâmica o grau de conservação de superfície consiste em avaliar o estado físico do fragmento ou da peça. Os níveis de conservação são organizados em três categorias: *conservada* - quando se identifica o tratamento de superfície -, *semi-erodida* - quando apenas parte da peça (+ ou - 50%) se encontra desgastada - e *erodida* - quando não é possível identificar o tratamento da face externa, mesmo que a face interna esteja bem preservada.

No caso dos fragmentos de borda, além dos itens já referidos, aparecem ainda *inclinação*, *tipo de lábio* e a medida do *diâmetro* da boca do vasilhame, através do *bordômetro*.

A partir do *diâmetro*, obtém-se a circunferência da boca dos vasilhames, o que permite uma visualização aproximada do tamanho do objeto.

A reconstituição da forma do objeto e sua profundidade só é possível tendo-se uma grande quantidade de fragmentos de um mesmo objeto, ou para uma maior

precisão fragmentos que reconstituídos (colados) formem um lado, mesmo que de pequena largura, com borda, parede e fundo onde seja identificável as características do vasilhame, como curvas acentuadas, protuberâncias, decoração e etc.

Apesar da similaridade entre as vasilhas da tradição arqueológica tupiguarani, não é adequado comparações entre recipientes inteiros ou com possibilidade de reconstituição com fragmento de borda menores de 5cm, pois a utilização de fragmentos de borda deste tamanho para reconstituição pode incorrer em erro de classificação.

As classificações para as vasilhas cerâmicas inteiras ou reconstituídas graficamente apresentam na caracterização morfológica denominações que remetem a funções, em uma tentativa de aproximação com a função para que foram produzidas. No entanto estas denominações geram confusão, pois um prato não é usado somente como objeto que contém o alimento que será consumido, podendo ser usado para servir, o que seria papel de uma tigela. Deste modo a forma deveria apresentar somente as características físicas dos objetos, porém para fins de maior compreensão e classificação será usada a nomenclatura conforme trabalhos já realizados.

Conforme Brochado (1977,p.71) e Rogge (1996, p.85) em linhas gerais se observa que os vasilhames encontrados em contexto arqueológico, podem ser divididos em quatro categorias ou classes morfológicas principais: (1) *panelas*, (2) *tigelas*, (3) *jarros* e (4) *pratos ou assadores*.

Considerando as informações acima, consideram-se *panelas* os recipiente cuja altura é igual ou maior do que o diâmetro máximo; algumas vezes a abertura superior é mais ou menos constricta. São utilizadas geralmente para cozer os alimentos por meio da sua fervura em água. Já as *tigelas* seriam recipiente cuja altura é igual ou menor do que o diâmetro máximo; usualmente não é restringida e o diâmetro maior se encontra na abertura superior. Os *jarros* são considerados recipientes cuja altura é igual ou maior do que o diâmetro máximo do bojo e que

apresentam constrição na porção superior, formando gargalo. São utilizados geralmente para armazenar líquidos. Os *prato ou assadores* são recipiente cuja altura é muito menor do que o diâmetro, com base plana ou muito aplanada.

Uma questão que merece destaque ao se analisar as possíveis funções dos vasilhames cerâmicos é que esta pode sofrer alterações durante a vida útil do objeto, não sendo estática. Assim as panelas podem até certo ponto substituir as tigelas ou os jarros e esta multiplicidade dos relacionamentos dificulta a reconstrução das formas de consumo através da cerâmica, devido a isto a preferência pela descrição morfológica dos vasilhames.

A *inclinação* dos fragmentos de borda enquadram-se em três categorias: *Direta, Introvertidas e Extrovertidas*. Quanto à primeira, percebe-se que sua abertura e borda estão em posição vertical à parede. A segunda apresenta abertura e borda inclinadas à direção interna do objeto. A última, extrovertida, é definida por uma inclinação das bordas direcionadas para parte externa.

O *lábio* é a parte superior da borda, que recebe um tratamento final de alisamento, deixando bem evidente a separação entre o resto da peça. Os tipos de lábio podem ser: *aplanado*, quando o lábio fica plano; *apontado*, quando o lábio é pressionado ficando com aspecto de ponta; *arredondado*, quando o lábio é alisado, ficando semi-circular.

Através da reconstituição das formas com os fragmentos de borda pode-se enquadrar os contornos dos vasos em *simples, composto, infletido e complexo*. As formas compostas apresentam o carenado, que seria a forma de bojo que possui um ângulo agudo, em seu meio. Vide figura a seguir.

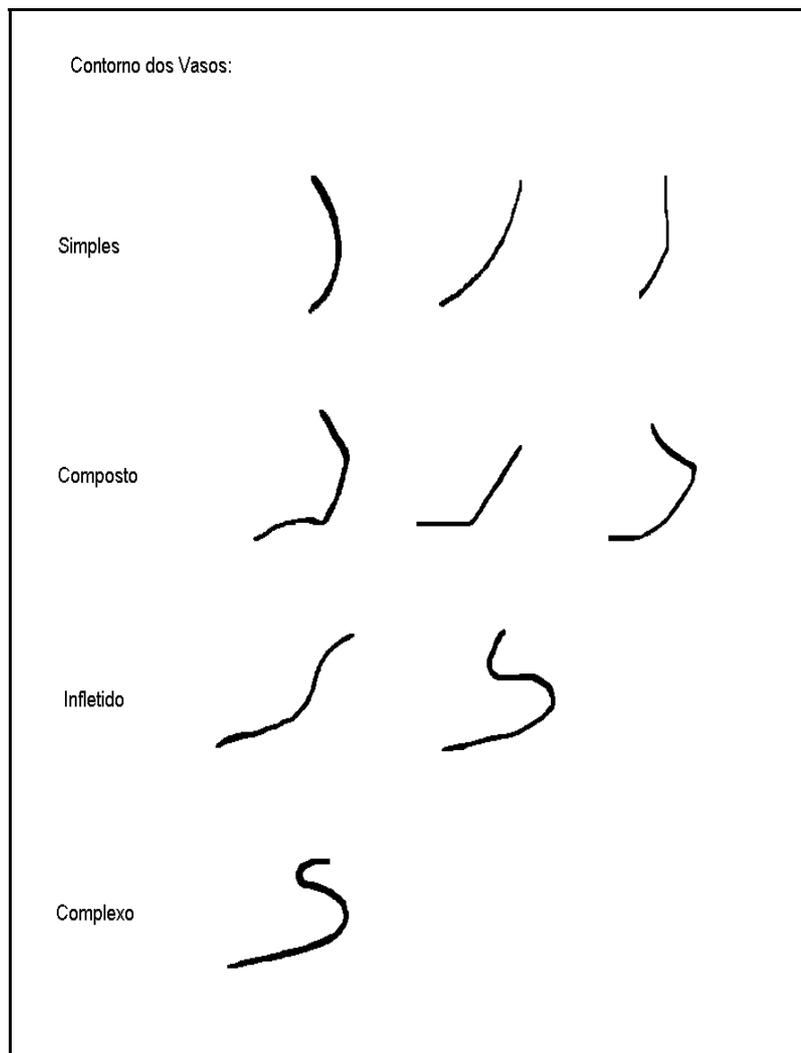


FIGURA 01 – Formas de contorno das vasilhas cerâmicas.
Fonte: Chmyz, 1966, p.21

As tabelas tipológicas específicas para as bordas, além dos elementos já referidos, visam relacionar os dados sobre os diâmetros das bordas com o tratamento de superfície, inclinação da peça e tipo de lábio, sendo que a partir dos dados identificados será possível enquadrar nas respectivas classes de vasilhames, como panelas, talhas ou pratos e saber as características específicas de cada vasilha, bem como inferir sobre uma possível função como servir, guardar ou cozer alimentos sólidos e/ou líquidos. Os fragmentos de borda serão desenhados e reconstituídos graficamente naqueles em que for possível medir seu diâmetro, ressaltando que a reconstituição será especificamente do fragmento e não da possível forma completa da vasilha; após se enquadrará nos moldes de formas conforme figuras a seguir.

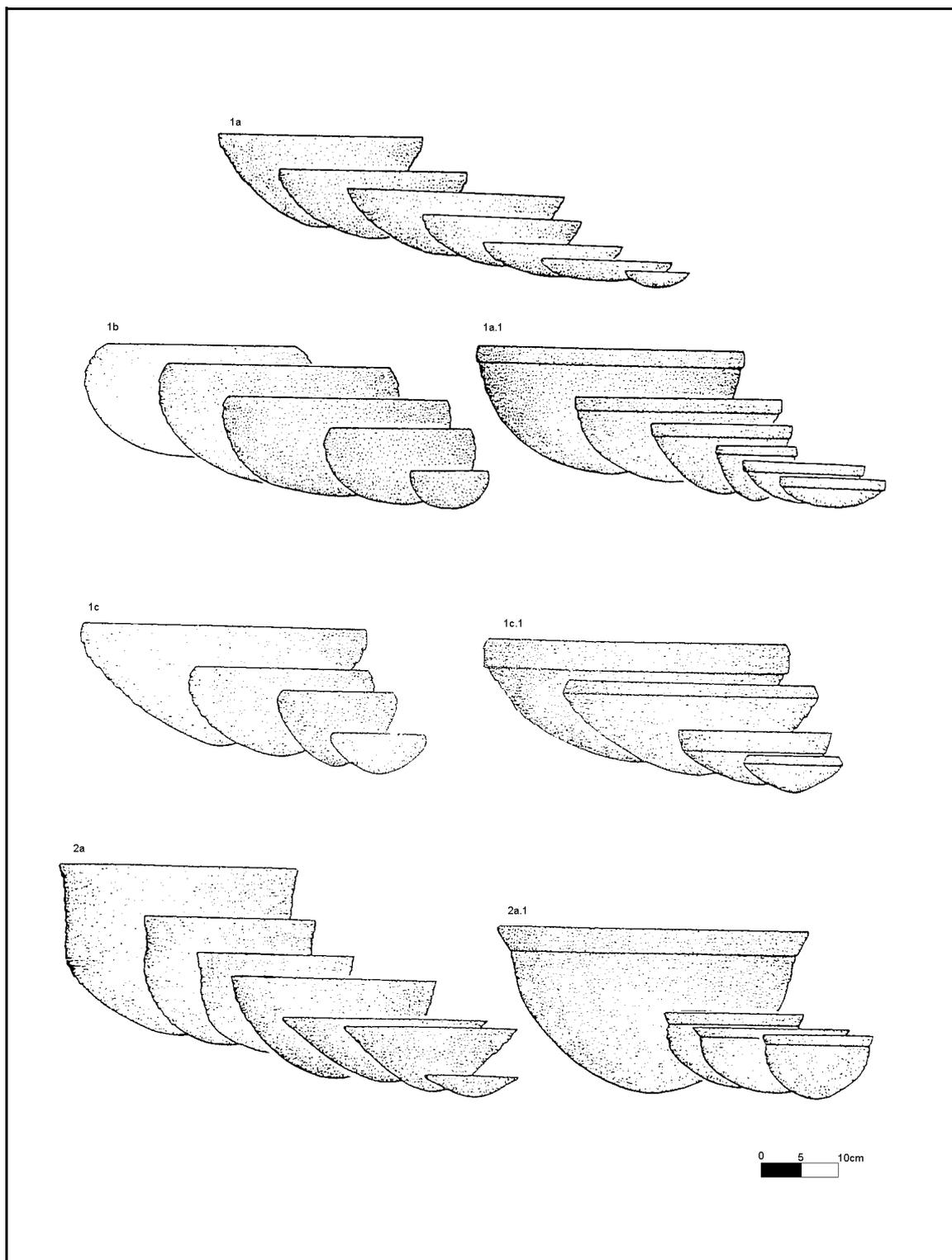


FIGURA 02- Formas comuns das vasilhas cerâmicas da Tradição Tecnológica Tupiguarani.

Fonte: Rogge, 1996, p.89

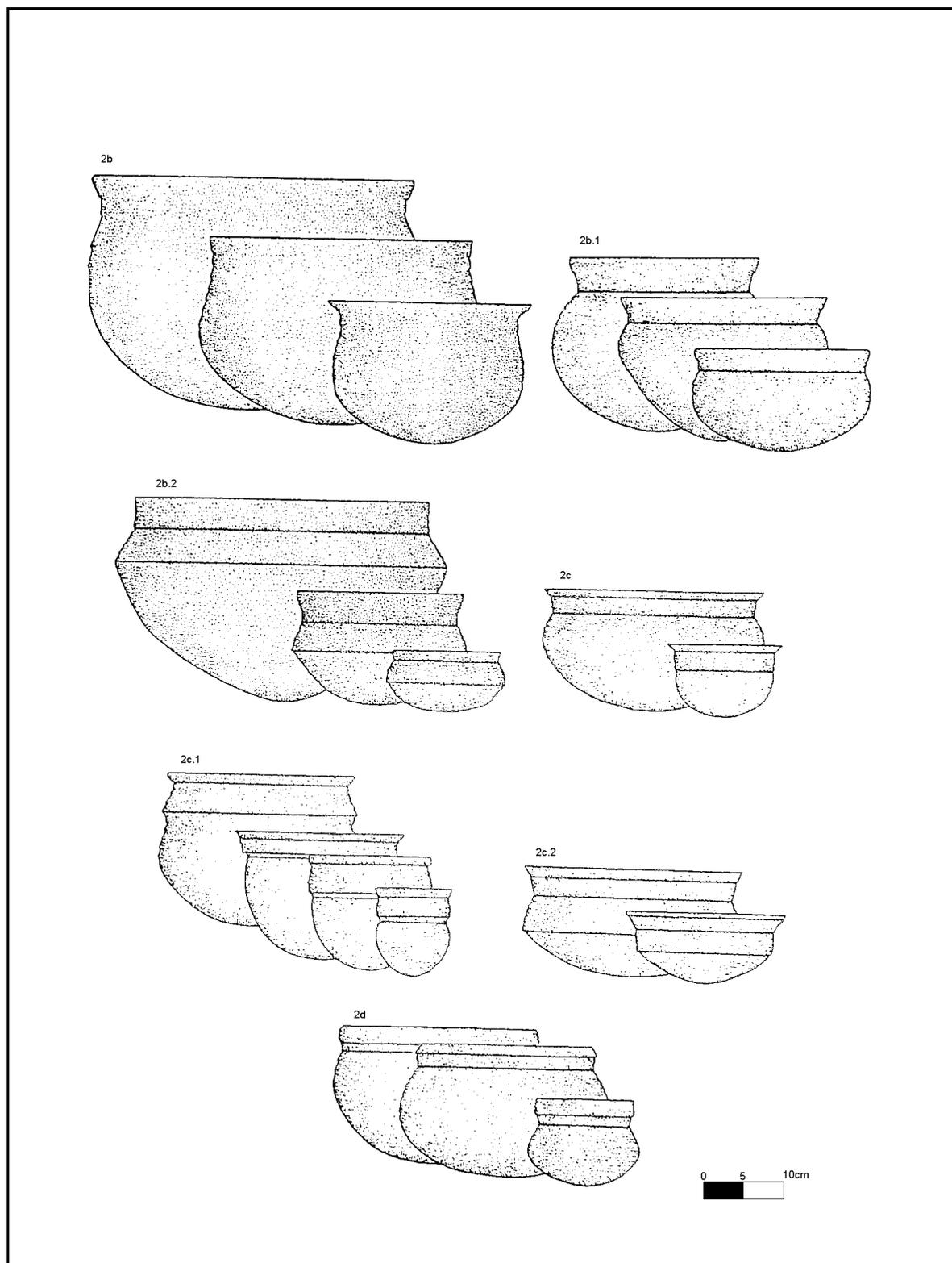


FIGURA 03 - Formas comuns das vasilhas cerâmicas da Tradição Tecnológica Tupiguarani.

Fonte: Rogge, 1996, p.90

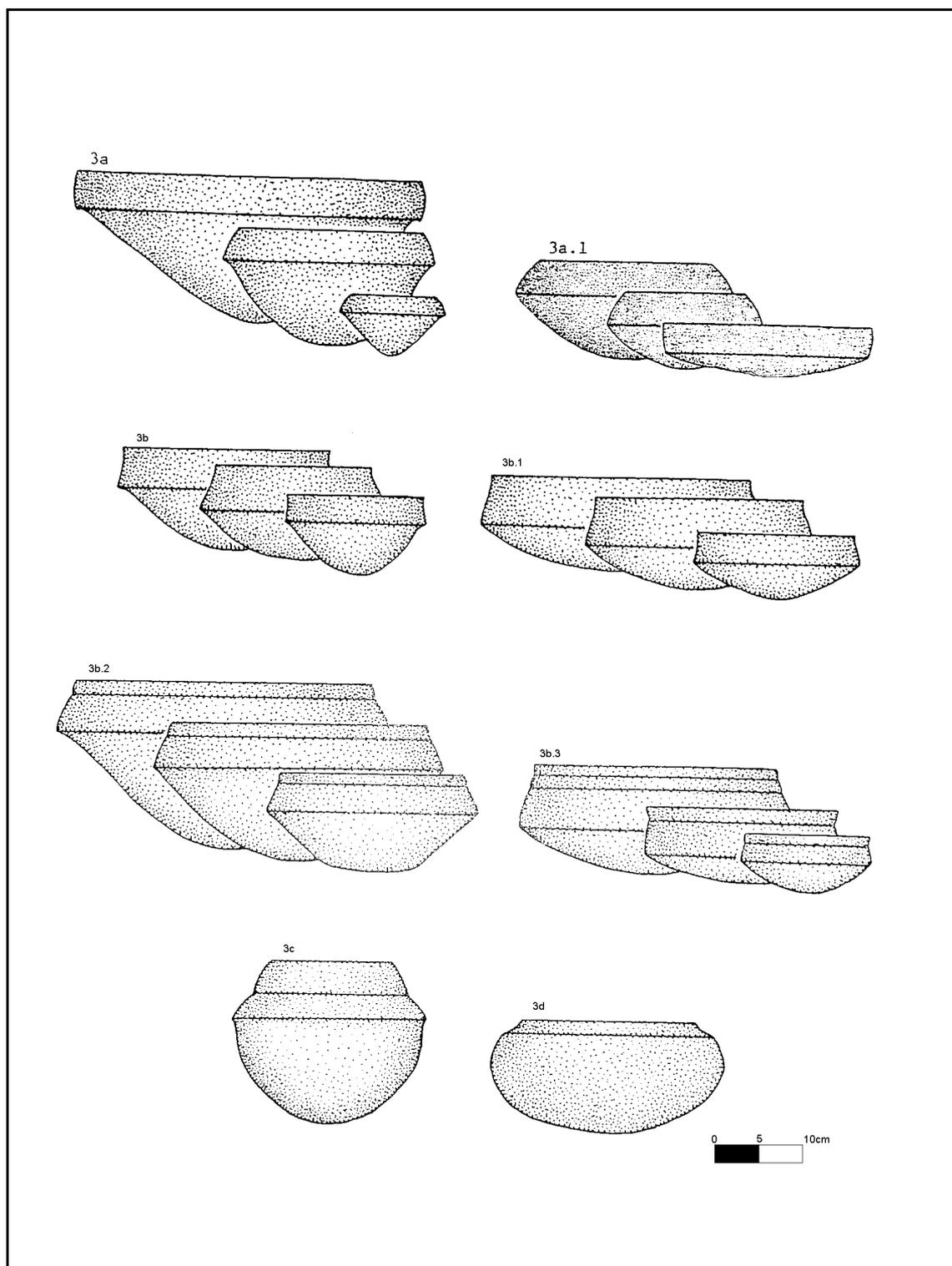


FIGURA 04 - Formas comuns das vasilhas cerâmicas da Tradição Tecnológica Tupiguarani.

Fonte: Rogge, 1996, p.91

Outras metodologias podem ser aplicadas e trazem dados quanto ao tipo de queima e adição ou não de antiplástico, bem como a criteriosidade nos trabalhos de campo permitem inferências quanto ao local de coleta da argila, associação a vestígios arqueofaunísticos e outros objetos como também dispersão pós-deposicional no território, delimitando possíveis áreas de funções no sítio. (Albuquerque, 1984-1990; La Salvia e Brochado, 1989; Rogge, 1996; Silva, 2002) Porém, não será função deste trabalho analisar detalhadamente estas questões, mas que poderão ser resultado de trabalhos futuros de pesquisa.

4 O SÍTIO RS T 101 – MARQUES DE SOUZA/RS LOCALIZAÇÃO E INTERVENÇÕES REALIZADAS

O sítio arqueológico RS T 101, de onde provém o material cerâmico foco de estudo deste trabalho insere-se, como já referido, na região denominada Vale do Taquari, que por sua vez localiza-se no centro leste do estado do Rio Grande do Sul.

Geomorfologicamente o Vale do Taquari/RS estende-se entre o Planalto e a Depressão Central; seu relevo abrange a Escarpa ou Encosta do Planalto, Morros Testemunhos, Patamares e Terraços Fluviais. Encontra-se inserido na bacia sedimentar do Paraná, aflorando nesta região a formação Botucatu (Parte baixa) e Serra Geral (Parte alta). O Vale abrange em sua configuração político administrativa 36 municípios com uma área de 4.821,4 Km² (Justos, Machado e Franco⁶, 1986; BDR⁷, 2008).

⁶Trabalho baseado no Projeto RADAM (Radar na Amazônia), criado em 1970 no âmbito do Ministério das Minas e Energia, foi inicialmente concebido para realizar o levantamento integrado de recursos naturais de uma área de 1.500.000 km² localizada na faixa de influência da rodovia Transamazônica, utilizando como sensor o Radar de Visada Lateral, conhecido pela sigla SLAR (Side Looking Airborne Radar). Pelo sucesso do método utilizado e pela qualidade das respostas obtidas, a área original do RADAM foi sendo gradativamente ampliada para toda a Amazônia Legal, numa primeira etapa, até atingir em 1975 a totalidade do território brasileiro, quando passou a se denominar Projeto RADAMBRASIL, tornando-se o maior projeto mundial de cobertura radargramétrica efetuada com radar aerotransportado. Disponível em: <http://www.projeto.radam.nom.br/historico.htm>. Acesso em 26 de abr. 2008.

⁷Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES

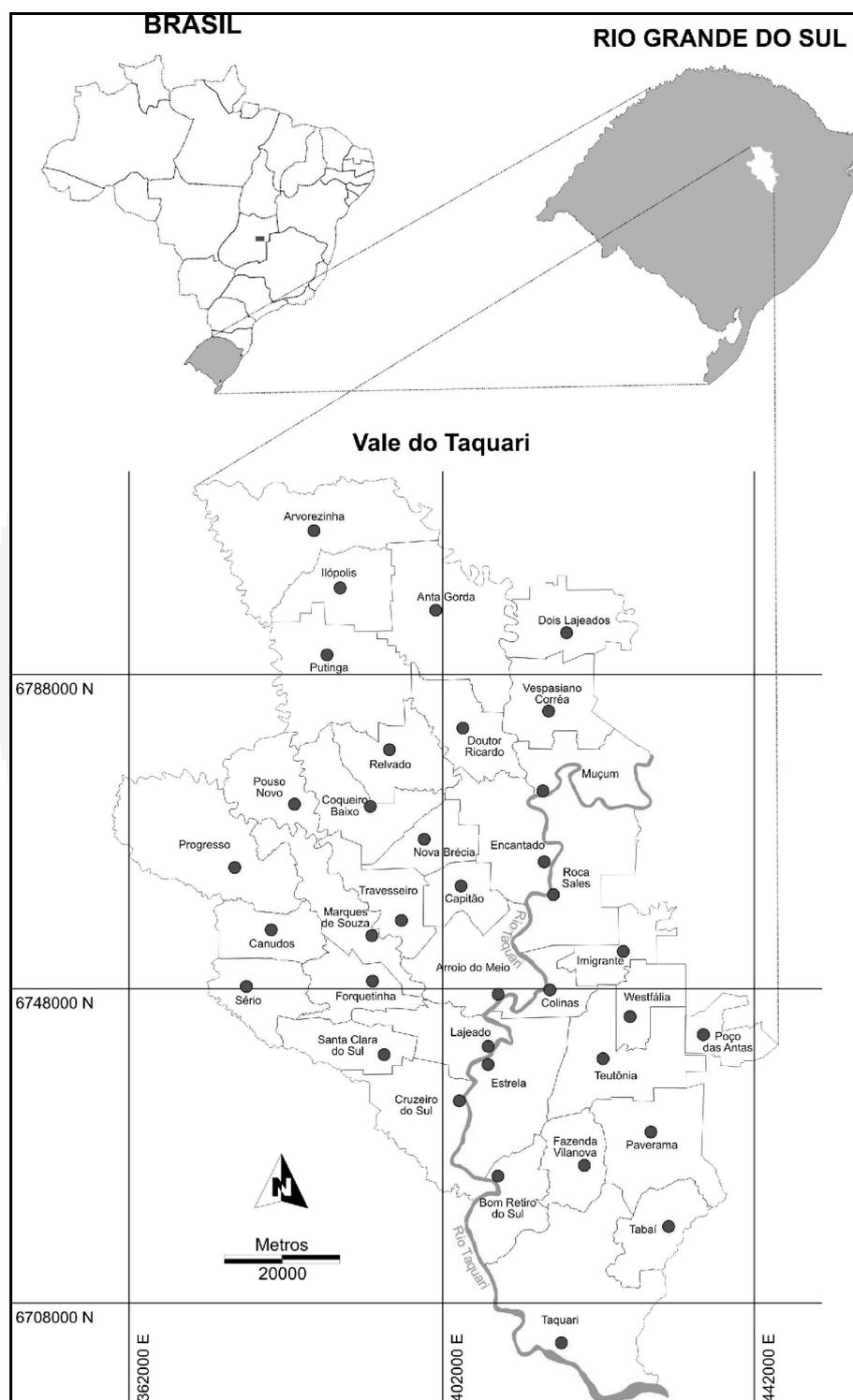


Figura 05 – Localização da região do Vale do Taquari/RS
 Fonte: Banco de Dados Regional / UNIVATES.

A conjunção das diferentes formações apresentadas acima enriquece a possibilidade das ocupações humanas pré-coloniais devido a variedade de captação de recursos.

A água como recurso fundamental para sobrevivência humana encontra-se em abundância. A região é banhada pelas águas do Rio Taquari e seus afluentes, sendo o principal deles o Rio Forqueta, no qual em sua margem direita está o sítio RS T 101.

O clima da região é subtropical úmido com verões quentes (média de 23,2°) e Invernos mitigados (média 12,7°). Quanto ao que concerne a vegetação abrange a mata subtropical e mata de pinhais (Teixeira e Neto⁸, 1986).

O trabalho realizado por Freitas (1999) na cidade de Lajeado, concluiu que a maioria das espécies *Orchidaceae* encontradas na região são típicas de formações semidecíduais e as espécies que ocorrem em formações decíduais apresentam dispersão em praticamente todo o Estado. Isto sugere que a formação fitoecológica do município de Lajeado e de parte da Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta seja Estacional Semidecidual.

Em relação a fauna da região, tem-se registro nos carnívoros: o graxaim, mão-pelada e quati; nos roedores, as espécies de murídeos: ratazanas, camundongos, ouriço-cacheiro, preá; nos mustelídeos os mais comuns são o furão e lontra. Entre os mamíferos, o veado-campeiro. Nas aves: gaviões, jacú, araquã, alma-de-gato, sabiá-laranjeira, urubu, coruja do campo, pica-pau-do-campo, anú-branco, urutaú, tico-tico, bem-te-vi, João-de-barro, perdiz, perdigão, quero-quero, seriema, etc. Nos sáurios: lagarto, lagartixas, cobra de vidro; nos ofídeos peçonhentos: urutu, cobras corais e nos ofídeos inofensivos: boipeva, jararaca do banhado. Ainda podemos citar: tatus, lebre européia (imigrada das regiões do prata), morcegos, gambá, peixes (lambari, piava, jundiá, muçum, traíra, etc.) (Rambo, 1994).

⁸Idem nota 6

4.1 Sítio RS T 101 - Marques de Souza/RS.

Com Ponto Zero, localizado na coordenada UTM 22 – SAD 69 - 387499 E de Longitude e 676346 N de Latitude, com 76 m Altitude.

As intervenções no sítio arqueológico RS T 101 – Marques de Souza/RS, iniciaram-se em 2002, quando a então arrendatária das terras entrou em contato com a equipe do Setor de Arqueologia da Univates.

A partir deste momento, foram realizadas sondagens para identificação do potencial arqueológico. Através das sondagens, encontrou-se concentração de material no talude que dá acesso ao Rio Forqueta (afluente da margem direita do Rio Taquari); este local passou por oito etapas de intervenção (2002, 2003, 2004 e 2005).

As atividades de escavação identificaram uma mancha de solo antropogênico, que pode ser considerada uma camada de ocupação⁹, que comprova a ocupação¹⁰ na área do sítio. Esta lente¹¹ de solo antropogênico, encontra-se no talude, estendendo-se como uma camada horizontal de 25 cm de espessura e 6,70 m de comprimento, concentrando-se nos degraus 1 e 2. Associado a este solo, foi encontrado 80% da cultura material, lítico, cerâmica e vestígios arqueofaunísticos, proveniente do sítio.

O local da pesquisa, no referido sítio, compreende a área de plantação de milho e soja, com aproximadamente 160.000 m², onde encontra-se uma grande quantidade de cultura material pré-colonial dispersa pela superfície, que foi coletada de forma assistemática.

⁹Camada de ocupação. Camada com evidências arqueológicas. (Chmyz, 1966, p.11)

¹⁰Área de ocupação. Área geográfica ocupada por uma cultura. (Chmyz, 1966, p.80)

¹¹ Lente. Intrusão, de forma alongada, de natureza diversa do material das camadas circundantes (Chmyz, 1966, p.15)



FIGURA 06 - Área da planície de inundação onde se encontra o Sítio RS T 101.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Na área de plantação - planície de inundação - não foram encontrados, nos poços testes realizados, alterações na estratigrafia nem presença significativa de materiais que pudessem identificar um local de ocupação.

Como marco delimitador deste sítio, pode-se citar a leste a ponte sobre o Arroio Tamanduá¹² (BR 386), a norte o Posto de Pedágio de Marques de Souza, a sul o encontro das águas do Arroio Tamanduá e o Rio Forqueta. Tanto a norte quanto a sul do sítio avista-se morros com altitude de até 500 m e vegetação preservada. A área do sítio compreende o local de plantação com 160.000 m² e seu entorno para captação de recursos.

As margens do Arroio e do Rio possuem mata ripária, não impedindo a erosão causada pelas enchentes. Na margem oposta do rio encontra-se uma cascalheira, que poderia ser usada para a obtenção de matéria-prima para fabricação de objetos líticos.

¹² O Arroio Tamanduá é um afluente da margem direita do Rio Forqueta.

386

388

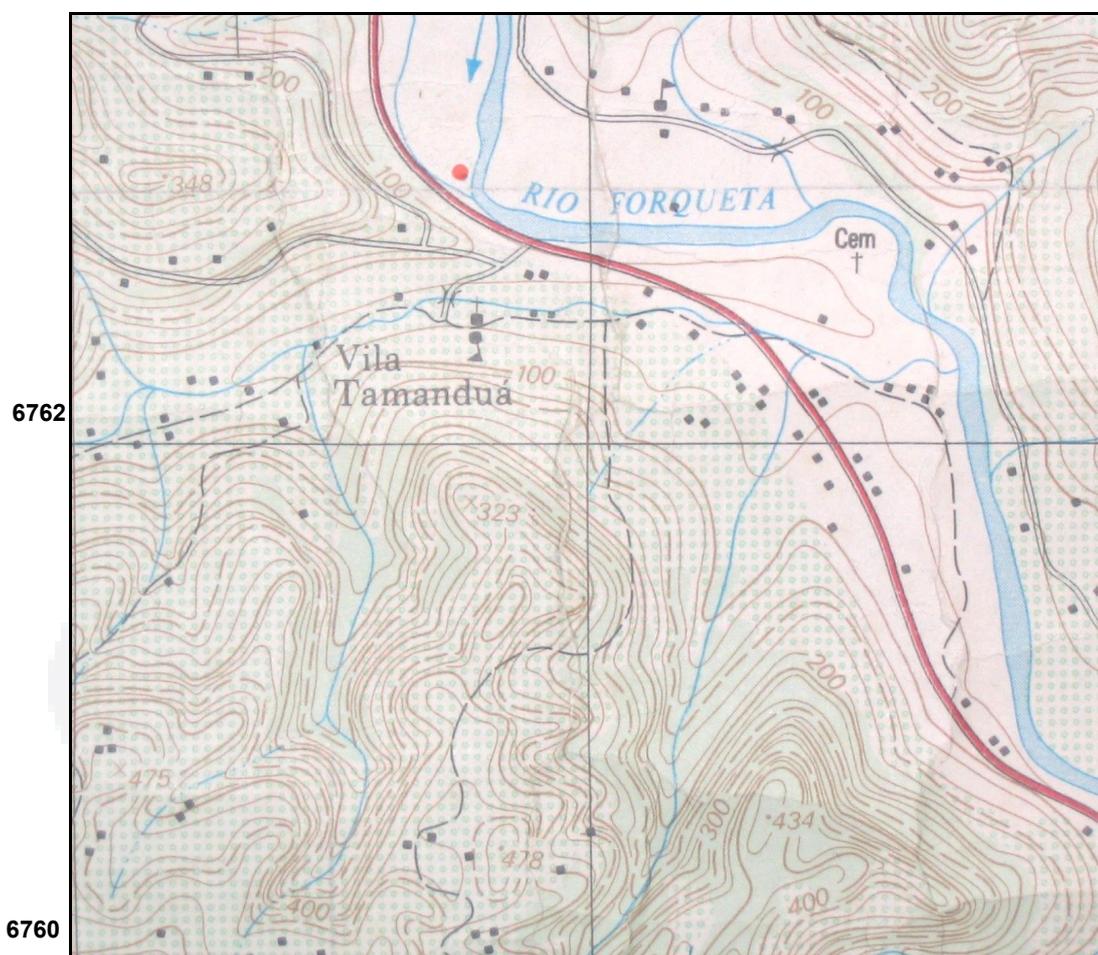


FIGURA 07 – Localização do Sítio RS T 101 e morfologia da área.
 Fonte: Carta Topográfica do Exército 1980 - Folha SH. 22-V-D-I-4 MI-2951/4 Escala:1:50.000

Entre outras atividades realizou-se no sítio *surveys*¹³, prospecção¹⁴, atividades de escavação¹⁵, quadriculamento com decapagem¹⁶, verificação estratigráfica e sondagens estratigráficas¹⁷, escalonamentos¹⁸, registro gráfico em campo com croquis, registro fotográfico, medição da área.

¹³Reconhecimento de uma área geográfica para localização de sítios arqueológicos.(Chmyz, 1966, p.15).

¹⁴Trabalho de verificação das possibilidades de um ou vários sítios, para trabalhos mais intensos, implicando em cortes experimentais. (Chmyz, 1966, p.180)

¹⁵Trabalho sistemático em um sítio. (Chmyz, 1966, p.14)

¹⁶Consiste na raspagem da terra com instrumentos específicos, aprofundando vagarosamente.

¹⁷Escavação em pequena escala para verificação da estratigrafia, por níveis ou camadas, de um sítio arqueológico. (Chmyz, 1966, p.12)

¹⁸Intervenção onde se fazem degraus, em forma de escada.



FIGURA 08 – Atividade de registro do Sítio RS T 101, medição da área.

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

A aproximadamente 400 m da BR 386, em sentido oeste, foram realizadas sondagens de 60x45 cm com 50 cm de profundidade (localizadas na coordenada UTM 22 – SAD 69 – 387480 E de Longitude e 6763047 N de Latitude, com 86 m de Altitude). As camadas não apresentaram modificações, apenas a camada de sedimento areno-argiloso. Seguindo em sentido oeste, verificou-se novamente o solo através de um escalonamento (Localizado na coordenada UTM 22 - SAD 69 - 387511 E de Longitude e 6763314 N de Latitude com 89 m de Altitude). O escalonamento media 6,70 metros de comprimento e 20 metros de largura.

A estratigrafia neste local mostrou o seguinte: uma primeira camada de sedimento com matéria orgânica proveniente da atividade econômica desenvolvida na área, que apresentava evidências materiais arqueológicas com 16 cm de profundidade; já a segunda camada identificada era areno-argilosa, com lentes de manchas escuras com presença de evidências materiais arqueológicas, tendo aproximadamente 25 centímetros de profundidade e que se estende por todo o primeiro degrau, avançando sobre o segundo no sentido nordeste. Uma grande quantidade de material cerâmico se apresenta nessa camada, muitas vezes

associado a vestígios arqueofaunísticos. O material lítico não se apresenta tão abundante, porém se faz presente.

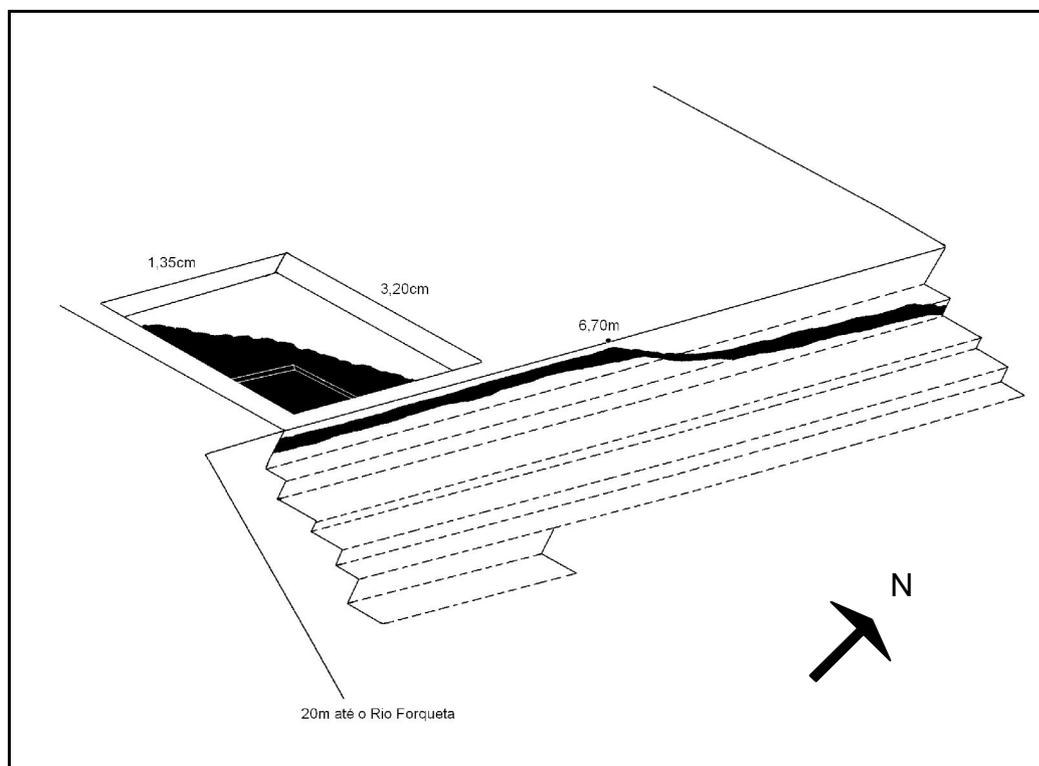


FIGURA 09 – Croqui do escalonamento com identificação da lente de solo antropogênico – sem escala.

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Importante salientar que quando da última vista ao sítio RS T 101 em 2005, o proprietário das terras, em conversa com a equipe solicitou o cancelamento das pesquisas. Infelizmente, desde então não se retornou e as pesquisas no sítio foram interrompidas.

4.2 Os grupos horticultores ceramistas que ocuparam o sítio RS T 101

As análises realizadas com o material proveniente do Sítio RS T 101, apresentam relação entre a cerâmica e grupos portadores da Tradição Tecnológica *Tupiguarani*, esta entendida como,

uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e ou preto sobre engôbo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, e, pelo uso de tembetás. (Chmyz, 1969, p.8)

Segundo trabalhos de La Salvia e Brochado (1989), Schmitz (1990,1991), Prous (1992), Rogge (1996), Kern (1998) Laroque (2002), Wagner (2004), Fiegenbaum (2006), Moraes (2007), Kreutz (2008), que tratam sobre a origem do grupo Tupiguarani e o caracterizam, o mesmo seria originário da região amazônica, que através de um processo constante de migração chegou até a região do Vale do Taquari¹⁹.

Na coleção cerâmica percebe-se uma proporção maior de fragmentos com tratamento de superfície corrugado em relação aos outros tratamentos. Considerando trabalhos como de Chmyz (1969), Schmitz (1990, 1991), Rogge (1996), Schmitz, Rogge e Arnt (2000), tal relação indicaria que a coleção enquadrasse na subtradição corrugada, considerada como “uma variedade da Tradição Tupiguarani, caracterizada, no seu conjunto cerâmico, pela predominância da decoração corrugada sobre as decorações pintada e escovada” (Chmyz, 1969, p.7).

Um grupo pode ser considerado Tupiguarani se apresentar as características diagnósticas mínimas da cultura de floresta tropical, que seriam o cultivo de raízes tropicais, especialmente da mandioca **amarga**, uso de embarcações fluviais efetivas, o uso da rede para dormir e a manufatura de **cerâmica** (Lowie apud Brochado, 1977) (grifo meu).

É consenso também afirmar que habitavam locais a curta distância de rios navegáveis, em zonas de matas (Prous, 1992).

Seguindo um padrão amazônico de instalação das aldeias na paisagem, primavam pelos vales quentes e úmidos, cercados pelas florestas tropical e subtropical (Kern, 1998).

Através do cultivo, produzem quase unicamente alimentos que tem por base o amido, produzido em pequenas roças ou hortas, abertas na mata através de queimadas, necessitando então a complementação da alimentação com proteínas

¹⁹Um resumo deste processo de migração até a região do Vale do Taquari, pode ser encontrado em Fiegenbaum (2006) e Kreutz (2008).

provenientes da caça, coleta e da pesca (Brochado, 1977; Schmitz, 1991).

Os animais caçados são principalmente: veado, anta, porco-do-mato, queixada, pecari, paca, cotia, tatu, tamanduá, preguiça, capivara, macacos, coati, peixe-boi, jacaré, lagartas e tartarugas e aves terrestres e aquáticas. (...)São cultivadas: mandioca, batata doce, cará, milho, feijões, abóboras, amendoim etc... (Brochado, 1977).

As aldeias são geralmente instaladas em clareiras abertas em meio a floresta subtropical, próximas a fontes de água e sobre colinas situadas próximas de várzeas férteis de rios (Schmitz, 1991; Kern, 1998).

As sociedades são estruturadas ao longo das linhas de parentesco. (...) As famílias extensas vivem em casas comunais, têm grandes dimensões e abrigam uma linhagem inteira. As aldeias, no centro de clareiras, são bastante móveis e constituídas de uma ou mais linhagens. O número de habitantes pode variar desde menos de uma centena até dois ou três mil, conforme os recursos disponíveis nas proximidades (Brochado, 1977, p.24).

O ambiente deveria também ser capaz de prover outras necessidades do grupo, como a argila para a cerâmica, os afloramentos de rochas para os materiais líticos, as fibras vegetais para cestaria, as penas de aves para ornamentação pessoal e as madeiras para armas, casas e canoas (Kern, 1998).

Importante citar que os grupos não viviam somente em função da busca pela sobrevivência e adaptação ao território a ser ocupado. Muito do seu comportamento é influenciado pelo misticismo, representado pelos pajés, líderes xamânicos, no papel de guias religiosos e intelectuais, que ditavam as regras a serem seguidas.

5 A CARACTERIZAÇÃO DA COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PRÉ-COLONIAL RS T 101, MARQUES DE SOUZA/RS

Para caracterização da coleção cerâmica, foco deste estudo, utilizou-se principalmente os seguintes trabalhos como comparativos: Schmitz (1990,1991), Rogge (1996), Machado (1999), Schmitz, Rogge e Arnt (2000), Soares (1997, 2005), Klamt (2005).

Como já referido, a coleção cerâmica enquadra-se na Tradição Tecnológica Tupiguarani, Subtradição corrugada, pois 54% dos fragmentos apresentam este tratamento de superfície.

Na coleção do RS T 101 esta proporção se mantém, mesmo analisando somente os fragmentos de borda. Pois, invariavelmente, cada fragmento representa uma vasilha diferente, indicando então a predominância das vasilhas com tratamento de superfície corrugada. Quando se analisam somente os fragmentos de parede pode-se estar contabilizando a mesma vasilha duas vezes em virtude da desproporcionalidade na produção e acabamento da peça, que podem confundir o arqueólogo, mesmo que não se consiga unir os fragmentos.

O material cerâmico encontrado disperso pela planície de inundação sofreu grande perturbação devido ao intenso trabalho de agricultura (arado), sendo encontrado muito fragmentado e em pequena quantidade. Já o material coletado nas intervenções no talude, está bem conservado.

O estudo da cerâmica do Sítio RS T 101, visou principalmente a classificação das formas do vasilhame, portanto uma classificação descritiva, procurando identificar classes, conforme desenhos apresentados nas FIGURAS 02, 03 e 04.

Para Brochado (1977) apud Rogge (1996), existe uma ligação direta entre todo processo de manipulação do alimento, da preparação inicial até o armazenamento e consumo, com a forma do vasilhame envolvido neste processo.

Através de analogia etnográfica indireta, Brochado (1977) chegou a uma classificação morfológica para os vasilhames dos grupos estudados, utilizando as seguintes denominações: *panelas*, *tigelas*, *jarros*, *pratos* e *assadores*.

Ao relacionar as formas acima citadas com os passos necessários no processo de preparação e consumo da mandioca (tanto para as variedades amargas quanto doces), Brochado (1977) inferiu funções para as mesmas. Sendo assim:

As *panelas* seriam utilizadas principalmente para o cozimento de alimentos em água. As *tigelas* seriam usadas na preparação de certos alimentos líquidos (mingaus por exemplo) e também para servir outros tipos de alimentos ou quando de tamanho pequeno, utilizadas para ingestão de bebidas. Os *pratos* poderiam ser usados para receber o alimento no momento do consumo. Os *assadores*, que são pratos bastante planos e geralmente sem bordas pronunciadas, estariam ligados diretamente ao consumo de variedades amargas da mandioca, na secagem da farinha ou na preparação de beijus. Finalmente os *jarros* teriam como principal função o armazenamento de substâncias, principalmente líquidas (água ou bebidas fermentadas) (Rogge, 1996, p.97).

A técnica de produção dos vasilhame é o acordelado, compreendendo 99,9% dos fragmentos e perceptível nas fraturas dos fragmentos, que deixam à mostra os negativos e positivos dos cordéis de argila.

A pasta para produção das vasilhas apresenta uma argila de composição bastante plástica, onde a relação da argila/antiplástico fica entre 50% e 60%.

Assim como no trabalho de Rogge, (1996, p.84) não foi possível perceber o uso intencional do antiplástico, pois acredita-se que a argila utilizada já continha, “em sua matriz, uma certa quantidade de areia fina, alguns grãos maiores de hematita (óxido de ferro) e material orgânico, características diagnósticas de depósitos argilosos fluviais”.

Quanto a identificação do processo de queima²⁰, percebe-se as margens da parede externa e, muitas vezes, interna, com coloração avermelhada e o núcleo²¹ separado por limites bem definidos, mostrando uma coloração que varia do cinza ao preto. Esta coloração indica que a queima do vasilhame provavelmente ocorreu quase sempre em ambiente oxidante, com exposição ao ar livre, porém com queima controlada, resultando em um produto final de boa qualidade para o fim a que se destinava.

O total de fragmentos cerâmicos da coleção do Sítio RS T 101 é de 672 (100%) peças; destas, 383 (57%) são fragmentos de parede, 271 (40,3%) são bordas, que serão os fragmentos de maior interesse neste estudo, 11 (1,6%) são fundos²² e 07 (1,0%) são roletes ou sobras.

Quanto aos tratamentos de superfície identificados nos fragmentos de borda e parede aparecem, em ordem decrescente, 356 (54,1 %) fragmentos corrugados, 151 (23,2%) alisados, 70 (10,8%) pintados, 37 (5,7%) ungulados, 13 (2%) corrugados-ungulados, 02 (0,3%) alisados-ungulados, 02 (0,3%) alisados-corrugados, 01 (0,1%) roletado e 22 (3,4%) fragmentos erodidos sem possibilidade de identificação. A face interna é alisada, porém variando a qualidade deste

²⁰Queima. Processo físico-químico que consiste em transformar a pasta em cerâmica, por meio de elevação de temperatura, durante o qual a maior ou menor presença de oxigênio determina a oxidação ou redução, evidenciada pela textura e cor da cerâmica. (Chmyz, 1966, p.18)

²¹Núcleo. Porção de coloração mais escura, cinzenta ou negra, que se observa, geralmente, por inspeção visual do plano de fratura, no interior das paredes das vasilhas cuja cocção ou queima não foi completa. (Chmyz, 1966, p.16)

²²Nos fundos ou bases, 02 aparecem associados a borda e parede, dando o contorno total da vasilha e os outros nove estão associados a fragmentos de paredes.

alisamento.

Nos fragmentos pintados, o tratamento pode aparecer em toda vasilha, mas normalmente ocorre na parte superior interna e, principalmente, externa. Geralmente, os desenhos em padrões geométricos são delineados com a cor vermelha tendo o branco como fundo. São frequentes ainda faixas vermelhas de larguras variadas circundando a vasilha e servindo como delimitadoras de espaço para os padrões geométricos. Notam-se as variações características da Tradição tecnológica tupiguarani, cor branca, preta e vermelha.

Como já explicitado anteriormente, as bordas são os fragmentos que maiores informações podem trazer quanto a forma do vasilhame. Deste modo, a seguir será apresentada a caracterização destes fragmentos, que representam 40,3% do total de peças da coleção.

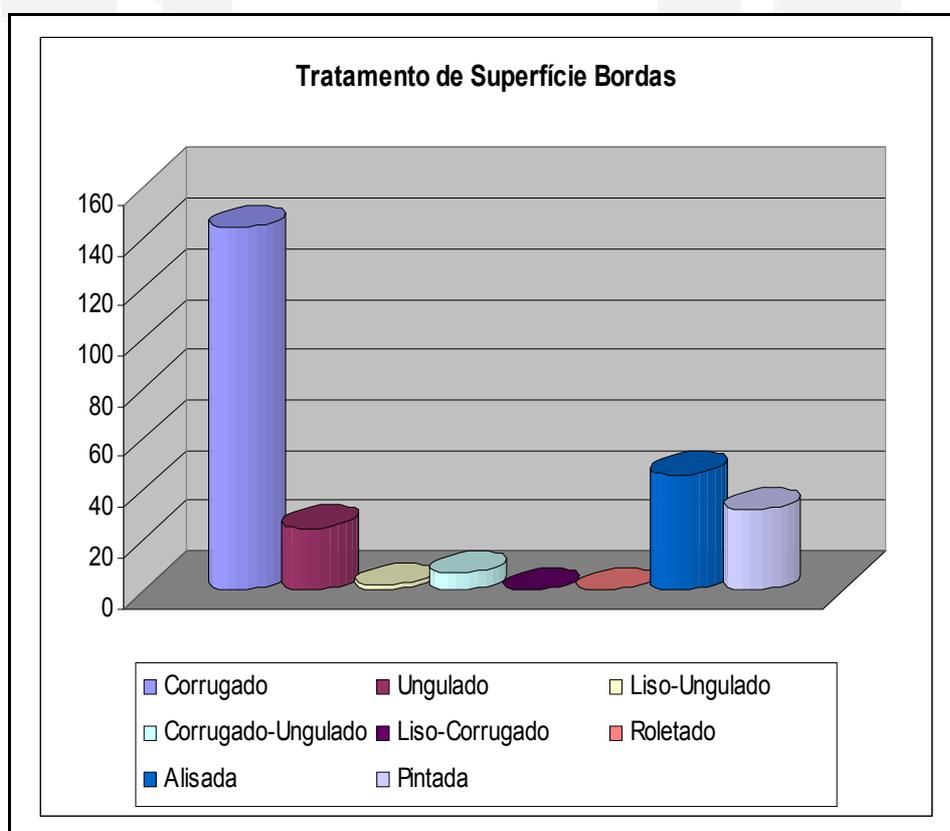


GRAFICO 01 - Tratamentos de Superfície identificados nos fragmentos de borda

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Os fragmentos apresentam-se bem preservados, em média superior a 5 cm de largura. Do total de bordas 0,4% estão erodidas, 1,9% estão semi-erodidas e 97,7% estão conservadas.

Os fragmentos de lábio apresentam os três tipos de finalização: 65% arredondado, 25,8% aplanado e 9,2% apontado.

Quanto a inclinação das bordas, 42,47% são diretas, 35,91% extrovertidas e 21,62% introvertidas.

Nas bordas, nas quais foi possível verificar a medida do diâmetro, as aberturas da boca apresentam médias de 28 cm, variando de +/- 5 a +/- 52cm. Entretanto, no total das bordas, apenas alguns fragmentos com tamanho superior a 5 cm possibilitaram a identificação do diâmetro. No sítio RS T 101, das 271 bordas foi possível verificar o diâmetro de 84.

Do total de 84 bordas com medida de diâmetro, após as tentativas de remontagem conseguiu-se identificar 72 vasilhas diferentes. No universo total de 271 bordas, são 258 vasilhas.

Entre as 72 vasilhas diferentes identificadas, prevalece a predominância do tratamento de superfície corrugado, com 36 vasilhas; em seguida aparecem as alisadas com 13, depois as pintadas também com 13, as unguladas contam 06 e as corrugadas-unguladas 04.

No conjunto de vasilhas corrugadas 17 apresentam borda direta, 13 extrovertida e 06 introvertida. Nas alisadas 08 são extrovertidas, 04 diretas e 01 introvertida. Nas pintadas 06 são diretas, 03 introvertidas e 04 extrovertidas. Nas unguladas 04 são extrovertidas, 01 direta e 01 introvertida. Nas corrugadas-unguladas 03 são extrovertidas e 01 é introvertida.

Nos contornos a predominância é do simples com 30 vasilhas, seguido do

inletido com 27. E as vasilhas em maior numero enquadram-se nas classes 2b e 1a. As tigelas seriam usadas na preparação de certos alimentos líquidos (mingaus por exemplo) e também para servir outros tipos de alimentos ou quando de tamanho pequeno, utilizadas para ingestão de bebidas. Os pratos poderiam ser usados para receber o alimento no momento do consumo (Brochado, 1977).

Destes 84 fragmentos de borda onde foi possível verificar o diâmetro será apresentada a descrição da possível forma das 72 vasilhas identificadas apresentando o tratamento de superfície, inclinação, contorno e tipo de lábio para se ter uma noção do conjunto de vasilhames utilizados pelo grupo Tupiguarani que ocupou o Sítio RS T 101, nas margens do Rio Forqueta, conforme as classes anteriormente citadas.

Bordas corrugadas, com inclinação direta e lábio arredondado – total de 09:

Fragmento nº 30/101 com +-30 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno simples, apresenta parede e fundo, dando o contorno completo da peça, enquadra-se na classe 1b.

Fragmento nº 1246/101 com +-11 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

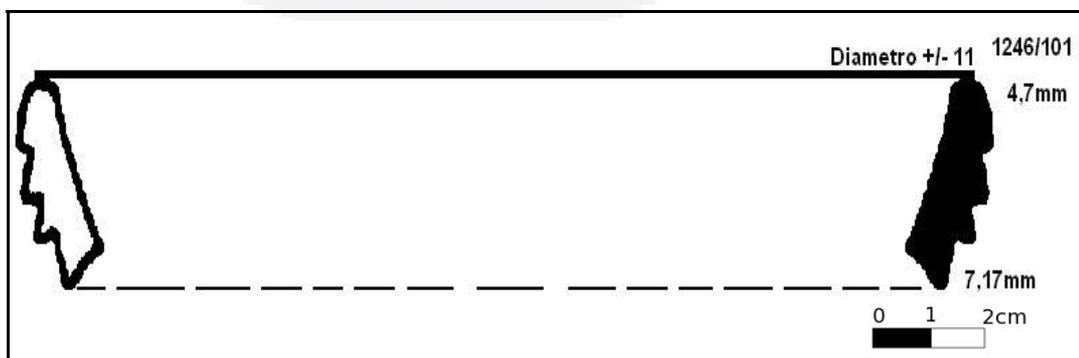


FIGURA 10 - Exemplo de vasilha da classe 1a do Sítio RS T 101.

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Fragmento nº 1248/101 com +-15 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugada, inclinação direta, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na

classe 2a.

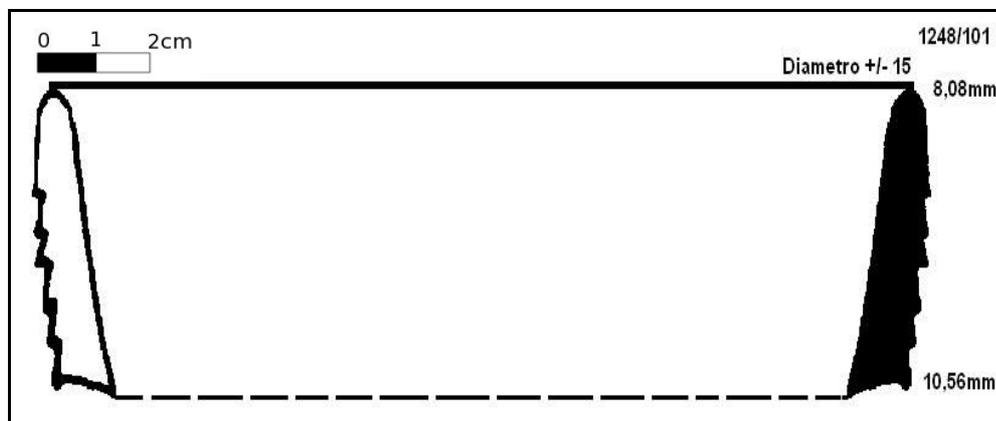


FIGURA 11 - Exemplo de vasilha da classe 2a do Sítio RS T 101
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Fragmento nº 1868/101 com 26 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno composto, enquadra-se na classe 3b.3.

Fragmento nº 1900/101 com 36 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno composto, apresenta parede, enquadra-se na classe 2b.2.

Fragmento nº 2040/101 com +/-40cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1b.

Fragmento nº 2572/101 com 34 cm de diâmetro, com tratamento de superfície corrugada, inclinação direta, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

Fragmento nº 2868/101 com 17 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugada, inclinação direta, lábio arredondado, contorno complexo enquadra-se na classe 2d.

Fragmento nº 3164/101 com 26 cm de diâmetro, tratamento de superfície

corrugado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1b.

Bordas corrugadas, com inclinação direta e lábio aplanado – total de 09:

Fragmentos nº 1850-1851-1852-1853/101 com 14 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio aplanado, contorno infletido, enquadram-se na classe 2b.

Fragmento nº 1858-1859/101 com 29 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio aplanado, contorno simples com parede, enquadra-se na classe 2a.

Fragmento nº 1860/101 com 12 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio aplanado, contorno infletido com parede, enquadra-se na classe 2b.

Fragmento nº 1864/101 com 14 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio aplanado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

Fragmento nº 2028/101 com +-20 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio aplanado, contorno simples com parede, enquadra-se na classe 1a.

Bordas corrugadas, inclinação direta, lábio apontado – total de 03:

Fragmento nº 1258-1260/101 com 35 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio apontado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

Fragmento nº 2926/101 com 50 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio apontado, contorno simples, enquadra-se na

classe 1a.

Borda Pintada, inclinação direta, lábio arredondado – total de 06:

Fragmentos 31-32/101 com 14 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno infletido, classe 2b.

Fragmento nº 1877/101 com 24 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno composto, enquadra-se na classe 3b.2.

Fragmento nº 1878/101 com +/-27 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno composto, enquadra-se na classe 2b.2.

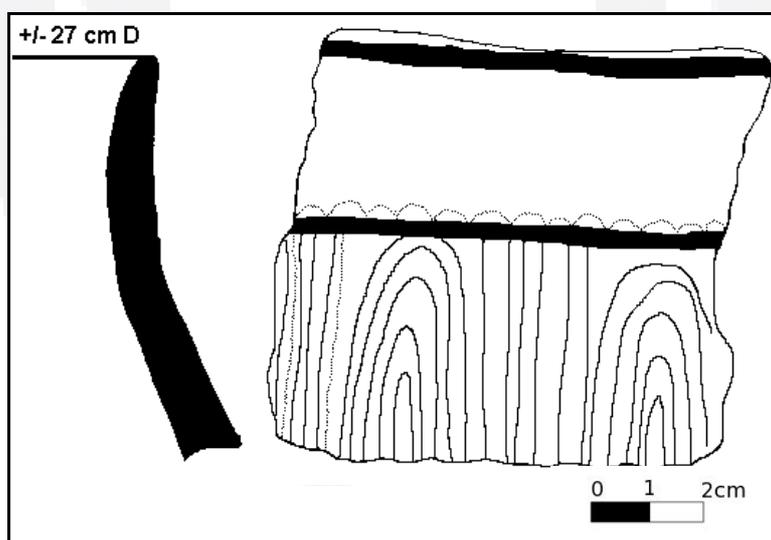


FIGURA 12 - Exemplo de vasilha da classe 2b.2 do Sítio RS T 101.²³

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Fragmento nº 1883/101 com 26 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno composto, enquadra-se na classe 2b.2.

²³Nas cerâmicas pintadas, considerar traço contínuo cor vermelha, traço pontilhado cor preta. Os desenhos estão sobre fundo branco.

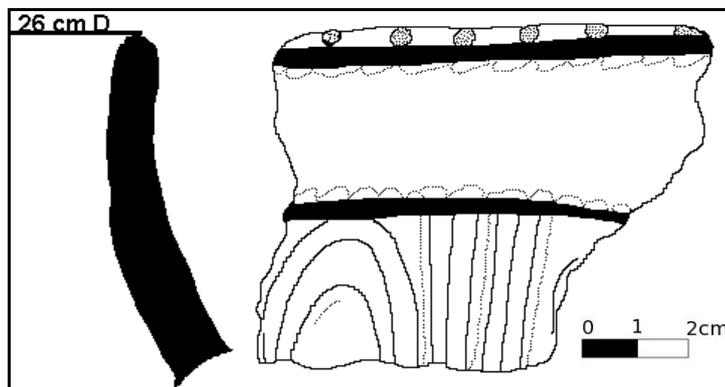


FIGURA 13 - Exemplo de vasilha da classe 2b.2 do Sítio RS T 101.

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Fragmento nº 1884/101 com 15 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno composto, enquadra-se na classe 3b.2.

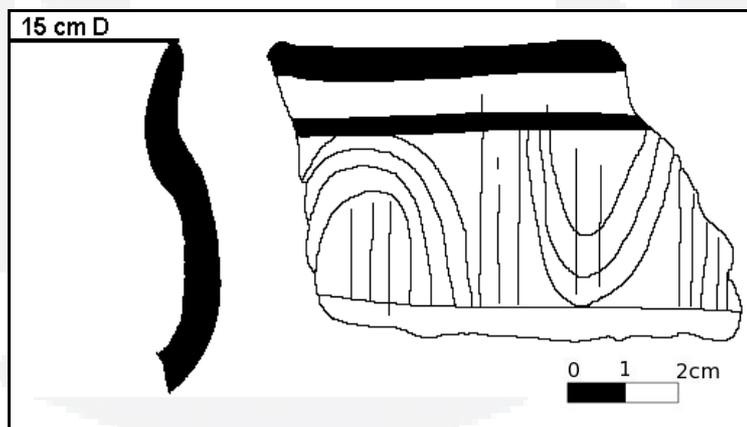


FIGURA 14 - Exemplo de vasilha da classe 3b.2 do Sítio RS T 101.

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Bordas pintadas, inclinação direta, lábio aplanado – total de 02:

Fragmento nº 1891/101 com +-20 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação direta, lábio aplanado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

Fragmento nº 5807/101 com 18 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação direta, lábio aplanado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2d.



FIGURA 15 – Imagem de borda com pintura em vermelho sobre fundo branco.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Bordas alisadas, inclinação direta, lábio arredondado – total de 02:

Fragmento nº 2022/101 com 14 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

Fragmento nº 2953/101 com 40 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1b.

Borda alisada, inclinação direta, lábio aplanado - total de 02:

Fragmento nº 1345/101 com +-17 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação direta, lábio aplanado, contorno simples com parede, enquadra-se classe 1b.

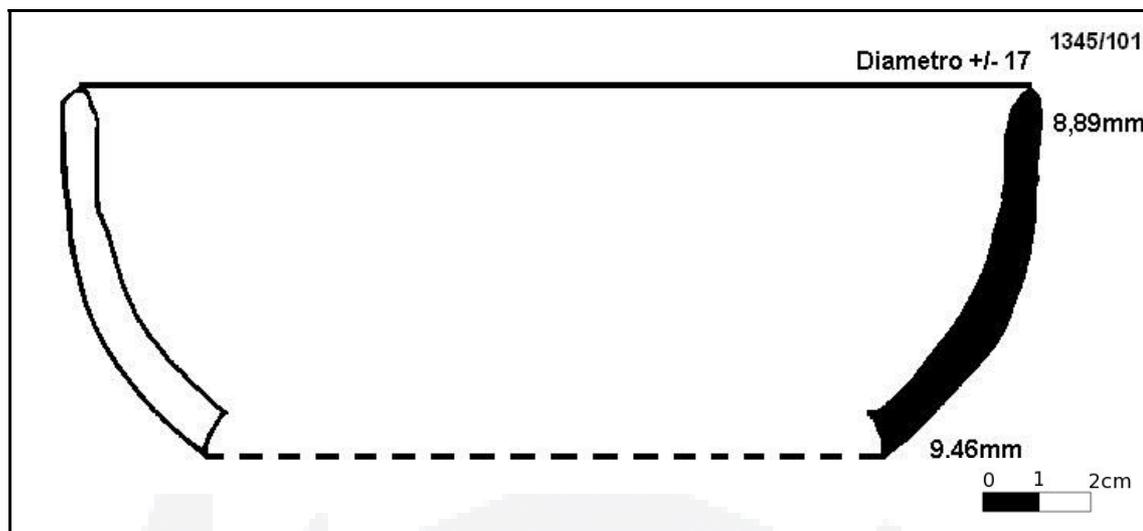


FIGURA 16 – Exemplo vasilha da classe 1b do Sítio RS T 101
 Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Fragmento nº 2851/101 com 15 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação direta, lábio aplanado, contorno simples, enquadra-se na classe 1b.

Borda ungulada, inclinação direta, lábio arredondado -total de 01:

Fragmento nº 2855/101 com 19 cm de diâmetro, tratamento de superfície ungulado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

Borda corrugada, inclinação introvertida, lábio arredondado – total de 04:

Fragmento nº 1250/101 com +-21 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação introvertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2d.

Fragmentos 1354-1914/101 com 10 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação direta, lábio arredondado, contorno simples, enquadram-se na classe 1b.

Fragmento nº 2931/101 com 30 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação introvertida, lábio arredondado, contorno complexo com parede, enquadra-se na classe 2d.

Fragmento nº 3071/101 com 36 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação introvertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1b.

Borda corrugada, inclinação introvertida, lábio aplanado -total de 02:

Fragmento nº 1244/101 com +-39 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação introvertida, lábio aplanado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

Fragmento nº 1861/101 com 10 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação introvertida, lábio aplanado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2d.

Borda alisada, inclinação introvertida, lábio arredondado – total de 01:

Fragmento nº 2852/101 com 15 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação introvertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

Borda pintada, inclinação introvertida, lábio arredondado – total de 02:

Fragmento nº 2591/101 com 18 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação introvertida, lábio arredondado, contorno composto, enquadra-se na classe 3c.1.

Fragmento nº 2871/101 com 12 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação introvertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 3d.

Borda pintada, inclinação introvertida, lábio apontado – total de 01:

Fragmento nº 1342/101 com 22 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação introvertida, lábio aplanado, contorno composto, enquadra-se na classe 3c.1.

Borda corrugada-ungulada, inclinação introvertida, lábio arredondado – total de 01:

Fragmento nº 1865-1866/101 com 17 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado-ungulado, inclinação introvertida, lábio arredondado, contorno infletido com parede, enquadra-se na classe 1c.

Borda ungulada, inclinação introvertida, lábio arredondado – total de 01:

Fragmento nº 2854/101 com 19 cm de diâmetro, tratamento de superfície ungulado, inclinação introvertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 1b.

Borda corrugada, inclinação extrovertida, lábio arredondado – total de 10:

Fragmento nº 25/101 com 20cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2a.

Fragmento nº 28/101 com 24 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2a.

Fragmento nº 26/101 com 18 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

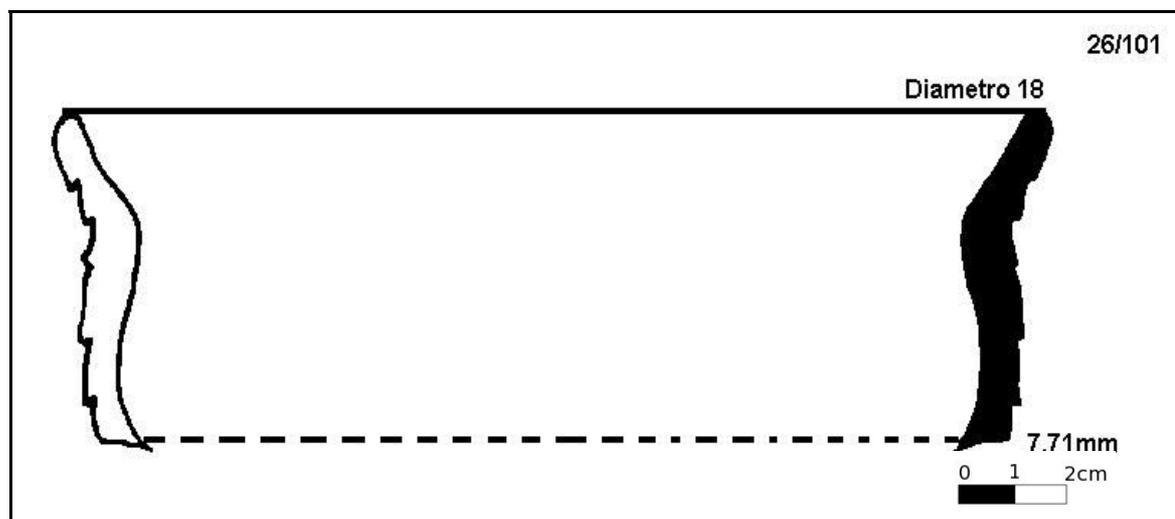


FIGURA 17 - Exemplo de vasilha da classe 2b do Sítio RS T 101.

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Fragmento nº 2574/101 com 23 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

Fragmento nº 2578-2598/101 com 16 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadram-se na classe 1a.

Fragmento nº 2856/101 com 46 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

Fragmento nº 2874/101 com 48 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

Fragmento nº 2925/101 com 16 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

Fragmento nº 2927-2928/101 com 31 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadram-se na classe 1a.

Fragmentos nº 6573-6583/101 com diâmetro entre 21 e 23 cm, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadram-se na classe 1a.

Borda corrugada, inclinação extrovertida, lábio aplanado – total de 02:

Fragmento nº 33/101 com 16 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio aplanado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

Fragmento nº 2929/101 com 52 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio aplanado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

Borda corrugada, inclinação extrovertida, lábio apontado – total de 01:

Fragmento nº 2911/101 com 29 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado, inclinação extrovertida, lábio apontado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

Borda corrugada-ungulada, inclinação extrovertida, lábio arredondado – total de 03:

Fragmento nº 27/101 com +-26 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado-ungulado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.2.

Fragmento nº 1854-1855/101 com 11 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado-ungulado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno

simples, enquadra-se na classe 2b.

Fragmento nº 3066/101 com 23 cm de diâmetro, tratamento de superfície corrugado-ungulado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido com parede, enquadra-se na classe 2b.

Borda alisada, inclinação extrovertida, lábio arredondado – total de 06:

Fragmento nº 1247/101 com +/-16 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

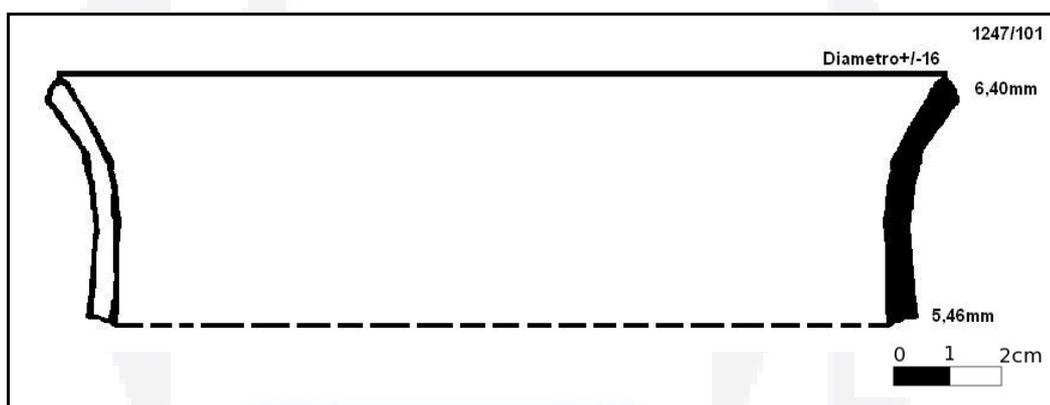


FIGURA 18- Exemplo de vasilha da classe 2b do Sítio RS T 101
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Fragmento nº 1339-1340/101 com 15 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

Fragmento nº 2573/101 com 31 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 2a.

Fragmento nº 2575/101 com 16 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 2a

Fragmento nº 3064/101 com 17 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

Fragmento nº 3102/101 com 26 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

Borda alisada, inclinação extrovertida, lábio aplanado – total de 02:

Fragmento nº 2952/101 com 18 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação extrovertida, lábio aplanado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2a.

Fragmento nº 3549/101 com 14 cm de diâmetro, tratamento de superfície alisado, inclinação extrovertida, lábio aplanado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.1.

Borda ungulada, inclinação extrovertida, lábio arredondado – total de 02:

Fragmento nº 1254/101 com +-8 cm de diâmetro, tratamento de superfície ungulado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

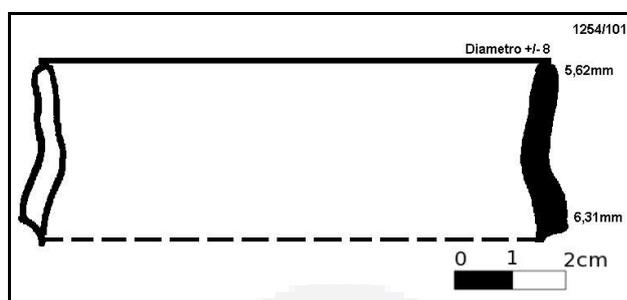


FIGURA 19 - Exemplo de vasilha da classe 2b do Sítio RS T 101

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Fragmento nº 2864/101 com 5 cm de diâmetro, tratamento de superfície unglado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno simples, enquadra-se na classe 1a.

Borda unglada, inclinação extrovertida, lábio aplanado – total de 01:

Fragmento nº 3535/101 com 17 cm de diâmetro, tratamento de superfície unglado, inclinação extrovertida, lábio aplanado, contorno simples, enquadra-se na classe 2a.

Borda unglada, inclinação extrovertida, lábio apontado – total de 01:

Fragmento nº 1256/101 com 12 cm de diâmetro, tratamento de superfície unglado, inclinação extrovertida, lábio apontado, contorno infletido, enquadra-se na classe 2b.

Borda pintada, inclinação extrovertida, lábio arredondado -total de 03:

Fragmento nº 2949/101 com diâmetro entre 32 e 34 cm, tratamento de superfície pintado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno composto, enquadra-se na classe 3b.2.

Fragmento nº 1259-1867/101 com 25 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno infletido com parede, enquadra-se na classe 3b.2.

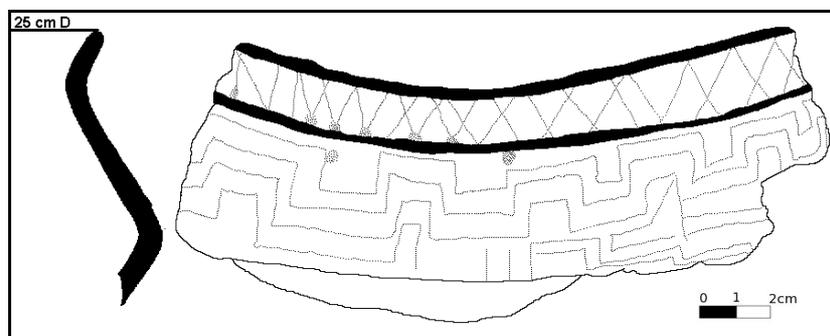


FIGURA 20- Exemplo de vasilha da classe 3b.2

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Fragmento nº 2585/101 com diâmetro entre 14 e 20 cm, tratamento de superfície pintado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno composto, enquadra-se na classe 3b.2.

Fragmento nº 3013/101 com 15 cm de diâmetro, tratamento de superfície pintado, inclinação extrovertida, lábio arredondado, contorno complexo, enquadra-se na classe 2b.

Através da classificação das bordas, portanto identificou-se 72 vasilhas diferentes que enquadram-se em sua maioria nas classes 2b e 1a com predominância do tratamento de superfície corrugado, conforme FIGURAS 21 e 22. As vasilhas são pratos ou assadores, tigelas e panelas, usadas para servir, comer e cozer alimentos e as tigelas pequenas para beber (Rogge, 1996).

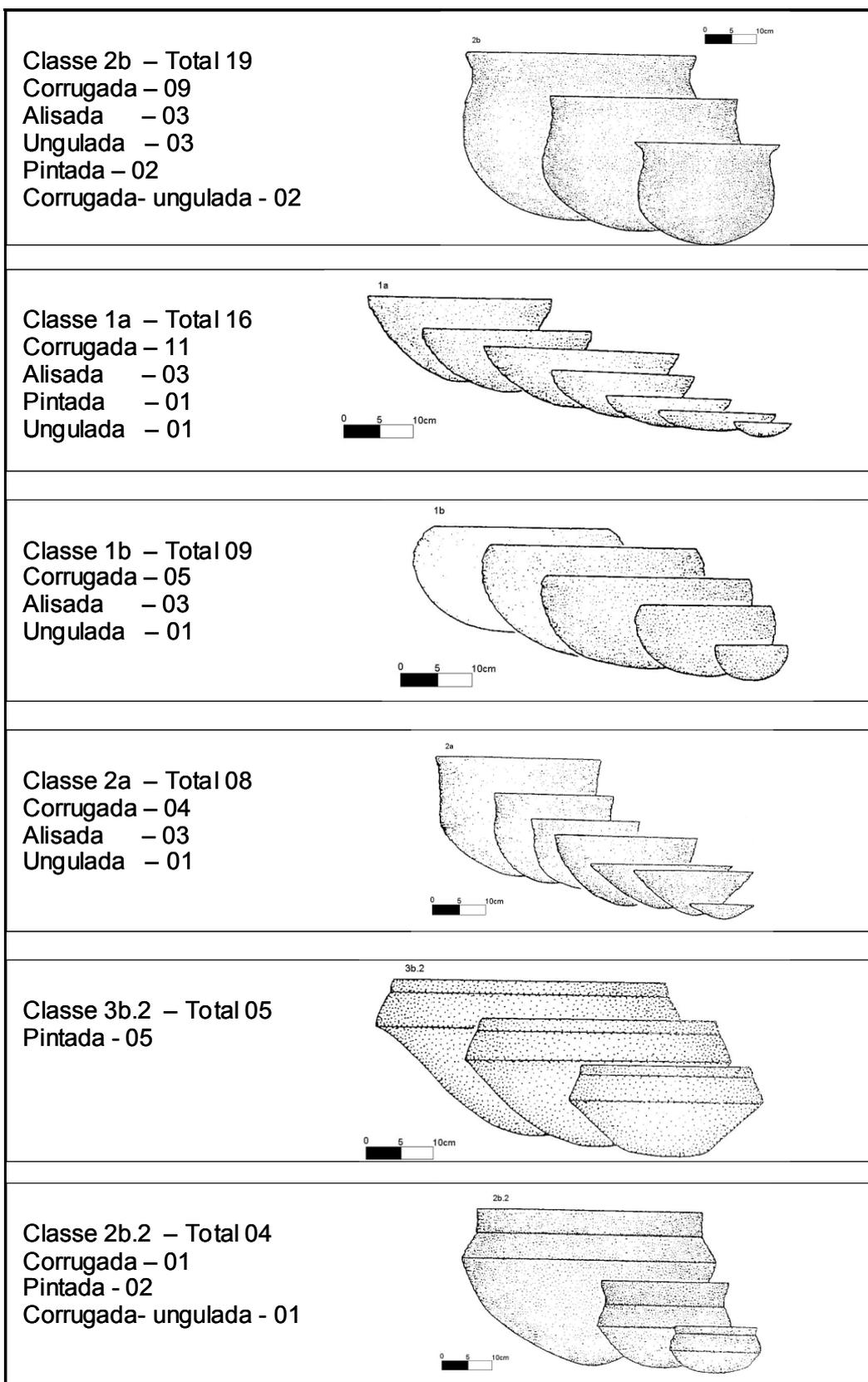


FIGURA 21 – Quantificação e caracterização das classes de vasilhas
 Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates; Rogge, 1996, p.89-91

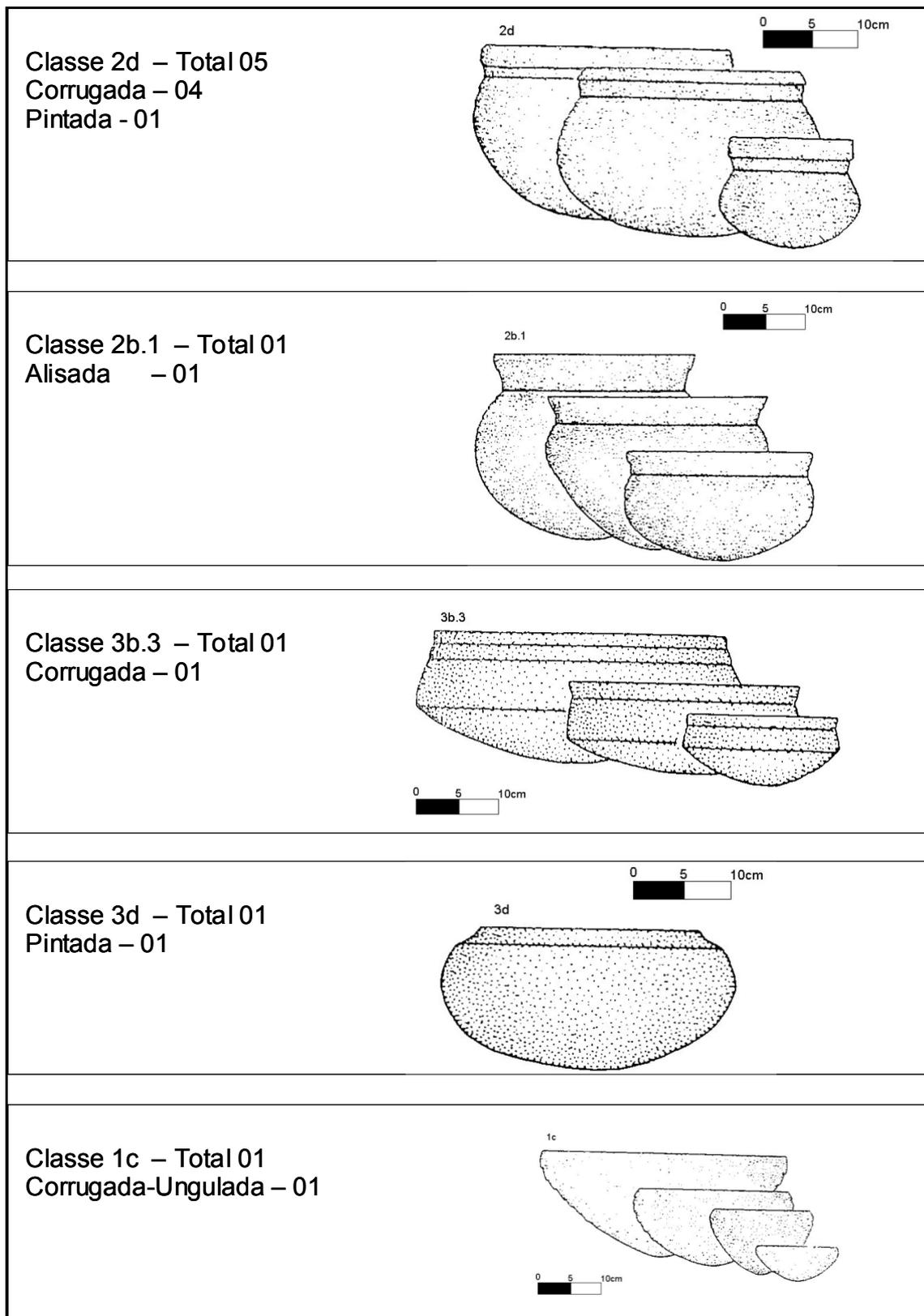


FIGURA 22 – Quantificação e caracterização das classes de vasilhas²⁴.

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates; Rogge, 1996, p.89-91

²⁴ A classe 3c.1 que apresenta duas vasilhas pintadas na coleção do Sítio RS T 101 não possui representação da forma.

As bases, em total de 11, são em sua maioria planas, ou, às vezes, levemente cônicas.



FIGURA 23 – Imagem de fundos/bases da coleção cerâmica do Sítio RS T 101

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

A coleção também possui fragmentos classificados como roletes ou sobras do processo produtivo.

FIGURA 24 – Imagem de sobras;roletes da coleção



cerâmica do Sítio RS T 101.

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates

Na cultura material proveniente deste sítio tem-se também a presença de lítico e vestígios arqueofaunísticos, como segue:

Quanto às evidências líticas identificamos alguns materiais, como percutores, lascas unipolares e bipolares, núcleos, talhadores e bifaces²⁵. Em sua maioria as evidências são lascas bipolares, lascas de calcedônia e basalto, numa menor frequência em arenito silicificado. No material lítico as matérias-primas mais encontradas são em ordem decrescente de predominância, calcedônia, basalto, arenito e quartzo.

Nos vestígios arqueofaunísticos, verificou-se a presença de mamíferos, aves, reptéis, anfíbios e peixes. Estas evidências encontravam-se associadas ao material cerâmico inserido na lente estratigráfica de solo antropogênico, com grande concentração de material orgânico.

Em alguns fragmentos destacam-se evidências de corte, principalmente na amostragem de cervídeos. Também se verifica indícios de queima de alguns ossos.

Nos 136 fragmentos, coletados a maior parte da amostragem não apresenta características suficientes para uma correta determinação. No entanto identificou-se: Tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), Veado (não foi possível identificar a espécie), Porco-cateto (*Pecari tajaçu*), Cuica-da-água (*Lutreolina crassicaudata*), Gambá (*Didelphis sp.*), Teiu (*Tupinambis meriane*), Tartaruga (não foi possível identificar a espécie), aves, anfíbios e peixes, onde também não foi possível se chegar a espécie. Conforme já apresentado acima, estes animais são comuns na dieta alimentar dos grupos horticultores Tupiguarani.

²⁵Maiores informações sobre análise do material lítico, talhadores e bifaces do Sítio RS T 101, consultar Fiegenbaum (2006).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia desenvolvida para aplicação dos dados partiu da análise tecno-tipológica e da reconstrução gráfica, baseada em identificação da inclinação, diâmetro da borda e contorno do vasilhame. A partir dessa metodologia foi possível enquadrar as vasilhas nas respectivas classes que se referem a panelas, pratos (para comer e assar) e tigelas.

Como já exposto acima, no sítio RST 101 identificou-se 72 vasilhas diferentes, predominando as classes 2b e 1a, conforme exemplos visíveis nas FIGURAS 21 e 22.

As vasilhas identificadas fazem parte do conjunto cerâmico dos grupos horticultores da Tradição Tecnológica Tupiguarani, comprovando e reforçando, junto com outros elementos, que se trata de uma ocupação pré-colonial deste grupo.

A predominância do Tratamento de Superfície corrugado e a forma das vasilhas, como tigelas, panelas e pratos ou assadores, demonstram um conjunto de objetos utilizados cotidianamente.

As vasilhas devem ser analisada individualmente, observando-se seu tamanho e Tratamento de Superfície, para assim poder-se verificar a diversidade do conjunto cerâmico utilizado pelo grupo que os produziu.

Assim, se for levado em consideração uma variação de função conforme o Tratamento de Superfície empregado na peça, será possível perceber que para

cada Tratamento presente tem-se formas variadas, sendo que o corrugado apresenta a maior variação.

A quantidade de vasilhas verificadas, também levanta questões quanto ao número de indivíduos do grupo e/ou seu tempo de permanência na área do Sítio RS T 101.

Ao se considerar um conjunto de 72 vasilhas, encontradas todas na mesma lente de solo antropogênico, pode-se pensar em um pequeno grupo, que permaneceu por determinado tempo nesta área. Se forem quantificadas todas as bordas que somam 271 pode-se aumentar os indivíduos do grupo ou seu tempo de permanência, lembrando-se também da reposição de vasilhas quebradas.

Outro fator que reforça a suposição de se tratar de um grupo horticultor, é o local onde a cultura material foi encontrada, analisando-se o ambiente natural sem as fronteiras políticas atuais, percebe-se características ambientais que condicionam a captação de recursos e propiciam a horticultura.

Em relação a questão do período de ocupação na área do Sítio RS T 101, foi coletada cerâmica juntamente com sedimento entre os níveis 20 e 30 cm de profundidade, no talude do rio, que enviada para análise em Termoluminescência²⁶ no LACIFID²⁷ da Universidade de São Paulo, apontou os seguintes resultados – a amostra da cerâmica possui 1099 anos, portanto a última incidência de calor, que

²⁶Um cristal iônico que recebeu radiação natural devido à desintegração espontânea de átomos radioativos em seu interior, ou um cristal que foi irradiado com raios X ou raios gama, emite luz termoluminescente ao ser aquecido. A luz emitida é mais intensa quanto maior a dose de radiação recebida. Considere-se, como exemplo, uma cerâmica arqueológica indígena. Em primeiro lugar, quando, em alta temperatura, o molde de argila para produzir um vaso para água ou uma urna funerária foi queimado, toda termoluminescência que havia sido anteriormente induzida na argila (rigorosamente, nos grãos de quartzo nela contidos) foi eliminada, colocando, por assim dizer, o relógio arqueológico no ponto zero. Quando, posteriormente, esse vaso fica soterrado e começa a receber a radiação natural do solo, é induzida novamente a TL na cerâmica. Em um trabalho de datação, a primeira tarefa consiste em separar os grãos de quartzo da argila propriamente dita, e em seguida medir a TL em uma unidade de massa. Conhecendo o que uma unidade de dose da radiação gama induz de TL nos grãos de quartzo, determina-se a TL total acumulada na cerâmica em questão, obtendo-se a chamada dose acumulada D_{ac} . Em seguida, determina-se a dose anual (D_{an}) com que a cerâmica foi irradiada enquanto estava debaixo da terra. <http://www.dfn.if.usp.br/pagina-dfn/pesquisa/lacifid/html/datacao.html>

²⁷Laboratório de Cristais Iônicos, Filmes Finos e Datação da Universidade de São Paulo.

colocou o relógio arqueológico no ponto zero, portanto a queima do processo de produção, foi efetuada no ano de 906 d.C.

A informação está de acordo com o período averiguado através de datações, para a ocupação Guarani no Rio Grande do Sul, assim como as datas se aproximam das ocupações identificadas nos Vales do Rio Pardo e Jacuí (Rogge, 1996), identificando uma ocupação no período Médio proposto por Brochado (1973, apud Rogge, 1996, p.53).

É preciso frisar que trata-se de somente uma data e deste modo deve-se analisá-la com cautela; sabe-se que outras são necessárias, no entanto é a primeira para a região e estando associada ao material com predominância de tratamento de superfície corrugado, que indicaria uma ocupação mais recente, auxilia em sua validação.

É importante também destacar que o resultado da análise com o material cerâmico informa o número de vasilhas no contexto arqueológico, não refletindo de forma exata o cotidiano dos grupos que as produziram, pois o sítio não foi escavado em sua totalidade e muitos elementos já encontram-se perdidos devido a fatores diversos. No entanto pode-se afirmar que através da reconstituição gráfica das vasilhas é possível criar um hipótese do conjunto de vasilhas utilizadas pelo grupo e reforçar uma vez mais sua estreita ligação com a subsistência produtiva destes grupos.

Outro ponto que não deve ser ignorado é que todas as “peças” aos quais se denomina cultura material, neste caso a cerâmica arqueológica pré-colonial, são fruto de ações humanas, uma mistura entre o pensamento e a técnica. Elementos do cotidiano essenciais a sobrevivência do grupo e capazes de auxiliar em sua distinção, bem como inferem quanto a ocupação e distribuição no território.

A cerâmica é referência na identificação dos grupos pré-coloniais e laço de identidade entre os indivíduos. No entanto, no século XIX, acaba também apropriada pelos imigrantes europeus, criando uma ligação com a terra que

passaram a ocupar. Geração após geração os descendentes de imigrantes passam a entender este material como seu, como parte de sua trajetória e de sua família.

Apropriam-se de um espaço e dos objetos nele encontrados sem ao menos ter consciência de todos os seus elementos formadores, rechaçando os indivíduos que produziram os materiais e que ocuparam o território muito antes da vinda dos imigrantes. Assim busca-se uma diferenciação acentuada, quando pelo contrário, se é tão parecido, escolhe-se as mesmas áreas de ocupação, precisa-se dos mesmos itens básicos de sobrevivência, vive-se em torno de rituais apropriados ou semelhantes ao destes grupos, como almoço, janta, festas de colheita, casamentos, etc.

Talvez tenha-se que conhecer mais e se reaproximar de atitudes de compartilhamento em busca do bem comum. Não que estes grupos fossem perfeitos dentro de nossa concepção e julgamento, pois tinham hierarquia, conflitos e provavelmente privilégios. Não se quer o mito do bom selvagem, mas um olhar diferenciado e que encontre valor em entender o passado reafirmando a velha e difundida frase onde quanto mais se sabe a respeito do passado mais se é capaz de entender o tempo presente e planejar o futuro.

O fundamento da arqueologia é a análise do objeto produzido e alterado pela mão humana. Ao arqueólogo cabe identificar as diferentes evidências deixadas e preservadas pelo tempo, a técnica utilizada na confecção das evidências, a proveniência das matérias-primas, a dinâmica do grupo no território, a área de ocupação, inferir sobre uma possível função e utilização destes objetos, porém dificilmente conseguirá, através destes objetos, a descrição do comportamento “social”, a hierarquia, o sistema familiar destes grupos, sem o auxílio de outras fontes de informações, como a ciência antropológica, a etnografia, a etnohistória, etc.

Muitas perguntas persistem, como por exemplo, o período de ocupação foi longo e único ou foram vários? A análise não se encerra, mas é uma primeira etapa e espera-se com os resultados ora apresentados ter contribuído para o começo da

compreensão do complexo processo de ocupação do Sítio RS T 101, podendo servir de comparativo para outros sítios, bem como para o entendimento da ocupação pré-histórica do Vale do Taquari.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Marcos. Reflexões em Torno da Utilização do Antiplástico como Elemento Classificatório da Cerâmica Pré-histórica. In: **CLIO** Arqueológica, Revista do Curso de Mestrado em História, Recife, 1984.

_____. Processo de Manufatura e intemperismo Pós-Deposicional na Análise cerâmica. In: **CLIO**, Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE, Série Arqueológica, 1 (6): 81-91, Recife, 1990.

_____. Utilização de Radiologia em Cerâmica Arqueológica. In: **CLIO** Arqueológica, Revista do Curso de Mestrado em História, Recife, 1985.

_____. Recomposição da forma em cerâmica Tupiguarani. **CLIO** - Série Arqueológica, Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, (4); 121-122, 1991.

BINFORD, Lewis R. **Em busca do passado**. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

BLANCH ESPUNT, R. y MAYORAL FRANCO, F. **Valoración de los elementos arqueológicos en la distribución espacial**. In: Arqueología Espacial: Colóquio sobre distribución y relaciones entre los asentamientos. 27 al 29 de septiembre. Teruel, 1984.

BROCHADO, José B. **Alimentação na Floresta Tropical. Instituto de Filosofia e ciências Humanas**. Porto Alegre: UFRGS, Caderno nº2, 1977

BROCHADO, José P.; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo S. **Analogia na reconstrução gráfica das vasilhas guarani arqueológicas**. Porto Alegre: Veritas, 1990, v.35, n. 140, dez. p.727-743.

BUTZER, Karl W. **Arqueologia uma ecologia del hombre: método y teoria para un enfoque contextual**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 1989.

CARANDINI, Andréa. **Historia de la tierra: manual de excavación arqueológica**. Barcelona: Editorial Critica, 1997.

CHMYZ, Igor (Ed.). **Terminologia Arqueológica Brasileira Para a Cerâmica**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Manuais de Arqueologia, nº 1, 1966.

_____. **Terminologia Arqueológica Brasileira Para a Cerâmica**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Manuais de Arqueologia, nº 1, 1969. Parte II.

CUSTÓDIO, Luiz A. B. (org.). Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: Ed.UNISC, 2004.

FELIX, Loiva O. **História e Memória problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

FIGENBAUM, Jones. **Os artesãos da pré-história do Vale do Taquari e sua cultura material**. 2006. 84f. Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em História, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2006.

FIGENBAUM, Jones; WELP, Marlon; SCHNEIDER, Patrícia; MACHADO, Neli T. G. **Pesquisas Arqueológicas do Vale do Taquari -RS/Brasil**. In: VII INIC - Encontro de Iniciação Científica e III EPG - Encontro de Pós-Graduação. Universidade do Vale do Paraíba/SP. De 15 a 17 outubro 2003. Disponível em: www.univap.br/inic2003/trabalhos.htm. Acesso em: 27 nov. 2003.

FIGENBAUM, Jones; SCHNEIDER, Patrícia; MACHADO, Neli T. G. O passado histórico revisto pela arqueologia no Vale do Taquari/RS – ocupação pré-colonial. **Revista História UNICRUZ**. n.6. Cruz Alta: Unicruz, 2005

FIGENBAUM, Jones; SCHNEIDER, Patrícia; LOPES, Sérgio N.; MACHADO, Neli T. G. Vale do Taquari/Rio Grande do Sul – Brasil: cinco anos de pesquisa arqueológica. In: XIII Congresso da sociedade de arqueologia Brasileira: Arqueologia, Patrimônio e Turismo, 13., 2005. Campo Grande/MS. **Anais...** Campo Grande/MS: Ed. Oeste, 2005. CD ROM

FRANCH, José A. (Org). **Diccionario de arqueología**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

FREITAS, Elisete M. **Orchidaceae como indicadora sa presenta de floresta estacional semidecidual em áreas de floresta decidual no municipio de lajeado, Rio Grande do Sul**. 1999. Monografia (especialização) – Curso de Pós-Graduação, Especialização em Biologia com enfase em Planejamento e Gestão Ambiental, Centro Universitário Univates, Lajeado, RS, 1999.

FUNARI, Pedro P. A. **Arqueología e Historia**, Arqueología Histórica mundial y de América del Sur. Anales de Arqueología y Etnología, Mendoza, v. 50-51, (1999) p. 109-132.

_____. **Os antigos habitantes do Brasil**. São Paulo: Ed.UNESP, 2001.

_____. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003

FUNARI, Pedro P.; NOELLI, Francisco S. **Pré-história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. Repensando a história.

GILBERT, Miles. **Mammalian osteology**. 1980. 428 p.

HERBETS, Ana L. Um estudo da cerâmica Mbayá-Guaicurú segundo as fontes etnográficas. In: **Revista do Cepa**. Asnta Cruz do Sul: Ed. Unisc, 1999. Vol. 22 n.27/28. p. 7-31, jan/dez. 1998

HODDER, Ian. New generations of spacial analysis in archaeology. In: **Arqueología Espacial: Colóquio sobre distribución y relaciones entre los asentamientos**. 27 al 29 de septiembre. Teruel, 1984.

_____. **Interpretación en Arqueología**. Editorial Crítica: Barcelona, 1988.

JUSTUS, Jarbas de Oliveira; MACHADO, Maria Lídia de Abreu; FRANCO, Maria do Socorro Morreira. Geomorfologia. In: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Levantamento de Recursos Naturais**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 33, p. 313-404, 1986.

KERN, A. A (Org.) **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

KERN, Arno (Org.) **Pré-história do Rio Grande de Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p.295-230

_____. **Antecedentes indígenas**. 2. ed. Porto Aegre: Ed.UFRGS. 1998. Síntese Rio-grandense

KLAMT, Sérgio. Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da Tradição Cerâmica Tupiguarani. **Série Conhecimento**, 29. Santa Cruz do Sul, Ed. UNISC, 2005.

KREUTZ, Marcos Rogério. **O Contexto Ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento Centro Universitário Univates, Lajeado, RS, 2008.

LAROQUE, Luis Fernando da Silva. **Guaíba no contexto histórico – arqueológico do Rio Grande do Sul**. Guaíba. Ed do autor, 2002.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LEROI-GOURHAN, André. **Pré-História**. São Paulo. Pioneira. EDUSP. 1981.

LEVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. Lisboa: Edições 70, 1985.

MACHADO, Neli T. G. **A redução de nossa senhora de Candelária do Caaçapamini (1627-1636): o impacto da missão sobre a população indígena**. Ijuí: EDUNIJUI, 1999.

_____. **Relatório final para IPHAN**, ref. Portaria nº 59 de 14 de maio de 2004.

MACHADO, Neli T. G; SCHNEIDER, Patrícia; FIEGENBAUM, Jones; WELP, Marlon. A ocupação Guarani no Vale do Taquari/RS: notas prévias sobre as pesquisas arqueológicas. **Cadernos do CEOM**. Chapecó: Argos, 2006. n.24.

MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford. **Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica, manual para arqueólogos**. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1970.111 p.

MILDER, Saul S. **Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul: uma perspectiva geoarqueológica**. São Paulo: USP/MAE, 2000. Tese de Doutorado.

MONTICELLI, Gislene. Análise das informações obtidas com os Mbyá-guarani sobre suas antigas vasilhas de cerâmica. **Rev. Do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.23, n.29, p.233-244, jan./jun. 1999.

MORAES, Camila A. **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, USP/MAE, São Paulo, SP, 2007.

MORAIS, José Luis. **Perspectivas geoambientais da arqueologia do Paranapanema Paulista**. USP/MAE, 1999. Tese de Livre-Docência.

POPP, José H. **Introdução ao estudo da estratigrafia e da interpretação de ambientes de sedimentação**. Scientia et Labor. Editora da UFPR. Curitiba, 1987.323 p.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Ed. UNB, 1992.

_____. Arqueologia, Pré-história e História. In: TENÓRIO, Maria C. **Pré-história da terra Brasilis**. Ed. UFRJ, 1999.

RAMBO, Baldíno. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. 3.ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos.1994.

ROGGE, Jairo H. **Adaptação na floresta subtropical: a tradição Tupiguarani no Médio Rio Jacuí e no Rio Pardo**. Documentos 06. São Leopoldo: IAP Unisinos, 1996.

_____. **Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul**. Tese de

doutoramento. São Leopoldo, 2004.

RYE, Owen S. **Pottery Technology: Principles and Reconstruction**. Manuals on Archeology, (4). Australian National University. Washington, D.C., 1981.

SCATAMACCHIA, Maria C. **Tentativa de caracterização da tradição tupiguarani**. São Paulo, Departamento de ciências sociais da faculdade de filosofia, letras e ciências da universidade de São Paulo. 1981. (Dissertação de Mestrado).

SCHEUER, Herta Löell. **A tradição cerâmica popular**. São Paulo: Escola de Folclore, Ed. Livramento, 1982.

SCHNEIDER, Patrícia; FIEGENBAUM, Jones; WELP, Marlon; MACHADO, Neli T. G. **Sítios horticultores do vale do Taquari/RS – Brasil**. In: XII Congresso da Sociedade de arqueologia Brasileira: arqueologias da América Latina, 12., 2003, São Paulo/SP. **Anais...** São Paulo, 2003.

SCHNEIDER, Patrícia; MACHADO, Neli T. G.; FIEGENBAUM, Jones; et. Al. Panorama geral do sítio RS T 101 – Marques de Souza/RS e sua cultura material. In: XIII Congresso da sociedade de arqueologia Brasileira: Arqueologia, Patrimônio e Turismo, 13, 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande/MS: Ed. Oeste, 2005. CD ROM.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Uma aldeia Guarani, projeto Candelária, RS. **Documentos 4**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1990.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (Org.) Pré-história do Rio Grande do Sul. In: Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. **Documentos 5**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1991. 178p.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, Jairo H.; ARNT, Fúlvio V. **Sítios Arqueológicos do médio Jacuí, RS**. In: Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. **Documentos 8**. São Leopoldo: IAP, Unisinos, 2000.

SILVA, Fabíola A. **Produção e uso da cultura material e a formação do registro arqueológico: o exemplo da cerâmica dos Asurini do Xingu**. Revista do CEPAC. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. vol.24, n. 32 (jul./dez.2000).

SOARES, André L. R. **Guarani: organização social e arqueologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. Coleção arqueologia nº 4.

_____. **Contribuição a Arqueologia Guarani: Estudo do Sítio Ropke**. v. 1. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 2005.

SOARES, André L. R.; KLAMT, Sérgio C. **Antecedentes indígenas: pré-história compacta do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005.

TEIXEIRA, Mario Buede; NETO, Augusto Barbosa Coura. Vegetação. In: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Levantamento de Recursos**

Naturais. Rio de Janeiro: V. 33, p. 541-632, 1986.

WAGNER, Gustavo P. **Ceramistas pré-coloniais do litoral norte.** Porto Alegre, 2004. Dissertação Mestrado da PUC.

